

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
Departamento de Antropologia

“VELHAS (e) HISTÓRIAS”
Estudo sobre Idosas em Situação Asilar

Mariana Marlière Létti

Orientador: Prof^o. Dr^o. Klaas Woortmann

Brasília – DF
Universidade de Brasília
2008

Mariana Marlière Létti

“VELHAS (e) HISTÓRIAS”
Estudo sobre Idosas em Situação Asilar

Dissertação de mestrado apresentada
ao Departamento de Antropologia da
Universidade de Brasília.
Orientador: Prof^o. Dr^o. Klaas Woortmann

Brasília – DF
Universidade de Brasília
2008

Esse trabalho é dedicado às minhas avós Ondina e Eny que me ensinaram a respeitar e a amar os idosos e foram minhas inspirações para esse trabalho. Dedico também à Dona Mariinha, que já não está entre nós, e à Dona Zezé, minhas amigas que, com sua simplicidade e carinho, fizeram essa pesquisa valer a pena.

“(...) dia virá em que as pessoas que pensam como nós irão se ausentando, até que poucas, bem poucas, ficarão para testemunhar nosso estilo de vida e pensamento. Os jovens nos olharão com estranheza, curiosidade; nossos valores mais caros lhes parecerão dissonantes e eles encontrarão em nós aquele olhar desgarrado com que, às vezes, os velhos olham sem ver, buscando amparo em coisas distantes e ausentes”.

(Ecléa Bosi)

SUMÁRIO

Capítulo 1 – A Velhice Como Objeto	06
1.1 - Sobre a Pesquisa	07
1.2 - Estudos Sobre a Velhice	13
1.3 - Definições de Velhice	17
1.4 - Velhice e História Oral	22
1.5 - Velhice e Gênero	33
Capítulo 2 – O Asilo	42
2.1 - O Asilo como Instituição Total	43
2.2 - Sobre a Instituição Escolhida	53
Capítulo 3 – As Internadas	60
3.1 - Histórias de Vida	61
3.1.1 - Dona Eni	61
3.1.2 - Dona Zezé	69
3.2 - O Asilo pelas Internadas	78
3.3 - As Identidades das Internadas	84
Capítulo 4 – Considerações Finais	93
Bibliografia	100

CAPÍTULO 1

A VELHICE COMO OBJETO

Capítulo 1

A Velhice Como Objeto

Sobre a Pesquisa

Quando estudante de graduação, fui questionada sobre o tema de minha monografia final e comecei a pensar em como escolher apenas um dentre tantos assuntos que me interessavam. O tema da velhice me ocorreu quando, durante uma aula, uma professora disse que, para escolhermos nosso sujeito de estudo, deveríamos pensar nas coisas que nos apaixonam e incomodam. Nesse momento pensei: nada me fascina e me revolta mais do que os idosos e sua atual situação social. No mestrado revolvi continuar com o tema com o objetivo de me aprofundar ainda mais nos estudos sobre a velhice.

Fui criada por meus avós e sempre vi o quanto pode ser sofrida a vida do idoso no Brasil. Desde criança estive cercada de idosos e, além de sempre ter me dado muito bem com eles, desde o início me solidarizei com seus problemas: dificuldades financeiras porque a aposentadoria não cobre o custo dos remédios, dores, limitação de suas atividades, passagem de ativo produtivamente para aposentado, menopausa, rugas, etc. Tendo isso em vista, é necessário admitir que já iniciei esta pesquisa envolvida emocionalmente, porém, acredito ter conseguido manter minha perspectiva antropológica e minha cientificidade. Escolhido o sujeito veio a parte mais difícil: delimitar o que seria estudado. Depois de quase dois meses construindo e

desconstruindo temas e objetos, cheguei à conclusão de que estudaria idosos estabelecidos em asilos públicos. Apesar de ser um grande avanço, ainda estava longe de delimitar, de fato, meu tema. Decidi então estudar a influência da religião na vida de homens e mulheres velhos que foram abandonados por suas famílias em instituições com instalações e serviços precários. Porém, percebi que já possuía uma resposta para esse questionamento teórico tão arraigada em minha mente que dificilmente conseguiria ser, o mínimo necessário, imparcial na pesquisa. Acabei por descartar essa hipótese.

Mais uma vez estava de volta ao ponto inicial. Durante meu trabalho de graduação pude ter um contato grande com os idosos da instituição que estudei e, mesmo terminado este primeiro trabalho, continuei freqüentando a Casa. Entre o fim da graduação e o início da elaboração da dissertação de mestrado passaram-se quase três anos e, no período total de convivência (aproximadamente 4 anos) pude perceber que o que mais esses idosos anseiam e o que mais lhes faz bem é serem ouvidos. Pude perceber a angústia que causa a eles a idéia de que suas lembranças, seus feitos do passado não seriam entregues à nova geração. Já que seus filhos e netos não tinham interesse nessa memória, sua história, seus momentos mais preciosos morreriam e seriam enterrados com eles. Tendo isso em mente, resolvi dar-lhes voz e fazer um trabalho voltado a isso, à história de vida desses idosos. No entanto, pude perceber o quanto falar de suas histórias faz com que os idosos se sintam mais autônomos e mais dispostos, mais vivos. Por isso, além de colher as histórias de vida desses internos, tentarei mostrar como o simples ato de serem escutados aumenta a qualidade de vida deles. Com um objeto de estudo bem delimitado só me faltava o arcabouço teórico para dar início à minha dissertação.

Ao procurar por teses, artigos e monografias, me deparei com uma vastidão de material sobre a velhice. Porém, estes eram em sua maioria estrangeiros e das áreas de medicina e, principalmente, psicologia. Das áreas de antropologia e sociologia encontrei apenas algumas coletâneas de artigos e alguns livros. Tenho consciência, no entanto, que minha pouca fluência em algumas línguas estrangeiras já restringiu, por si só, meu universo teórico. De qualquer forma o baixo número de trabalhos brasileiros sobre essa temática me surpreendeu.

A antropóloga Myriam Moraes Lins de Barros na apresentação do livro *Velhice ou Terceira Idade?* (1998) afirma que *“a velhice assusta. A certeza da finitude de todos nós sempre foi tema de filósofos, religiosos, pensadores, homens e mulheres de todos os tempos”* (pág.07). No entanto, a visibilidade da velhice vem sendo lentamente adquirida mais por uma pressão social do que por interesse acadêmico. Essa falta de interesse da academia, e especialmente das ciências sociais, no estudo sobre idosos é facilmente percebida devido ao fato de que raras são as obras de antropólogos e sociólogos sobre o tema. Os livros sobre história de vida também não são muitos e os que existem, em geral, são de historiadores. Essa ausência de extensos estudos sobre a velhice e sobre a história de vida dentro das Ciências Sociais, no Brasil, foi uma das principais dificuldades encontradas para a realização desse trabalho.

Não pretendo, nesse trabalho, fazer generalizações, já que tenho consciência das dificuldades e limitações que esse tipo de pesquisa oferece. Não se trata aqui de um trabalho por amostragem, o meu intuito é, como diria Ecléa Bosi no livro que foi a grande inspiração para esta dissertação, *Memória e Sociedade: “(..) registrar a voz e, através dela, a visão e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós”* (pág. 37). A veracidade das narrativas não foi uma

preocupação. Em nenhum momento busquei, por outras fontes, confirmar a história que me foi contada pelos idosos. Juntamente com a metodologia da história oral, a observação participante foi a minha principal fonte de informações colhidas.

Neste momento se faz necessário elucidar um ponto: as histórias aqui narradas na íntegra foram colhidas de forma contínua. No entanto, esses não foram os únicos momentos de coleta de dados. Durante vários outros momentos, principalmente naquelas conversas informais, no momento da despedida, informações e dados importantes surgiram. É também por isso que, em alguns momentos, é possível perceber até mesmo certas contradições entre os discursos de um mesmo interno. Além disso, vale pontuar que, para escrever este trabalho, utilizei várias entrevistas colhidas durante a monografia de graduação.

Para zelar pela integridade dos internos e da instituição estudada, os nomes verdadeiros serão trocados por nomes fictícios (menos daqueles que me deram autorização para a divulgação da identidade). A instituição escolhida para o trabalho de campo foi um asilo que se encontra em uma instituição maior, localizada em Brasília. Esta instituição será denominada aqui, apenas pela palavra “Casa”.

A opção pela Casa deveu-se, em muito, à sua peculiaridade: um asilo situado dentro de um ambiente predominantemente jovem. É importante neste momento chamar atenção à denominação do asilo. Nenhuma instituição para idosos no Distrito Federal se denomina asilo, todas utilizam palavras como *abrigo*, *pousada*, *casa de repouso*, *etc.* Acredito que esse fato tem como objetivo dar uma impressão de transitoriedade e fugir do estigma que carrega o termo asilo. No entanto, a realidade encontrada nesses “abrigos” atuais em pouco difere dos asilos de antigamente. Aqui utilizarei todas essas denominações como sinônimos.

Desde o início da minha pesquisa de graduação, fui bem acolhida, tanto pelos dirigentes como pelos internados da Casa, e a maior dificuldade que encontrei para o prosseguimento normal da pesquisa foi a grande rotatividade nos cargos de direção. A cada nova assistente social, diretor(a) e coordenador(a), eu era obrigada a refazer o pedido de autorização e me familiarizar com as novas “regras”.

Os idosos internados sempre me receberam com muito carinho, porém, por mais que eu tentasse explicar que estava ali para realizar uma pesquisa, eles não encaravam minha presença dessa forma e, com o tempo, nem eu. É necessário admitir que me envolvi muito com eles, e nossa relação foi muito além da de pesquisadora/pesquisado. Acredito, no entanto, que isso só tenha acrescentado à pesquisa.

O trabalho de campo nunca foi interrompido desde seu início em fevereiro de 2004 e, embora as entrevistas em profundidade tenham se encerrado em março de 2008, as minhas visitas à Casa continuaram. No primeiro dia na Casa tive a oportunidade de conversar com uma senhora internada e ao perguntar se precisava de alguma coisa ela me disse que gostaria de um sabonete. Passei então a usar esses sabonetes como uma forma de aproximação, um primeiro contato com os idosos, tal ato ajudou muito a “quebrar o gelo”. Passada essa fase de adaptação já me sentia a vontade na Casa e tinha acesso irrestrito ao asilo.

Como metodologia utilizei a observação participante e entrevistas aos internados, aos empregados e aos dirigentes. Como não seria viável entrevistar todos os idosos da Casa, delimito meu universo levando em consideração, principalmente, a capacidade de articulação, a sanidade e a vontade de ser entrevistado. No entanto, como eu já havia realizado uma pesquisa na Casa, procurei entrevistar, desta vez, os

mesmos idosos entrevistados para o trabalho de graduação. Fiz isso com o objetivo de perceber mudanças e contradições nos discursos, (já que aproveitei várias das entrevistas feitas anteriormente), porém, me deparei com um grande problema: das seis idosas entrevistadas inicialmente, apenas duas continuavam vivas. São delas as histórias contadas aqui.

Um ponto importante é que, embora não tivesse a intenção de utilizar um enfoque de gênero nesse trabalho, a restrita quantidade de homens na Casa e a reação arredia que tiveram à minha presença, fez com que eu só tivesse contato com as mulheres. Durante as entrevistas foi possível notar a grande influência da condição de gênero nos discursos. Todas as histórias são permeadas por conceitos e categorias às quais uma mulher “deveria se encaixar”, portanto, uma reflexão sobre os estudos de gênero se fez necessária à elaboração do trabalho.

Como dito anteriormente, o enfoque reside na história de vida das idosas internadas e as entrevistas feitas aos dirigentes e empregados serviram apenas para entender melhor o funcionamento da Casa. Foram realizadas uma entrevista formal, mais longa e detalhada com uma das Assistentes Sociais, uma com a Auxiliar de Enfermagem e entrevistas em profundidade com duas idosas internadas. Além das visitas com o objetivo concreto de colher dados frequentei o asilo, durante esses quatro anos, semanalmente para visitar as idosas e levar alguma coisa que elas me pediam. Durante esse tempo realizei uma série de atividades lá dentro, como festas trazendo pessoas de fora, jogos de bingo, danças com músicas de época, etc.

Com base nas entrevistas, no arcabouço teórico construído e na experiência de campo, foi possível uma análise da realidade do idoso internado na Casa e um certo grau de generalizações para a situação do idoso no Brasil.

De início falarei sobre os estudos que mais tiveram influência para a elaboração dessa pesquisa e seus principais conceitos de velhice. Ainda no capítulo 1 farei uma reflexão sobre velhice e história oral e sobre gênero. No capítulo 2 argumentarei sobre o porquê de julgar a Casa uma instituição total nos modelos de Goffman e suas principais características. Os 2 capítulos que se seguem serão baseados na pesquisa em si, e mostrarão as razões do internamento segundos os idosos; as histórias de vida e a identidade do velho por ele mesmo.

Por fim, transcrevo aqui um trecho da introdução do livro *“Memória e Sociedade”* de Ecléa Bosi que sintetiza exatamente o meu objetivo com este trabalho: *“não pretendi escrever uma obra sobre memória, tampouco sobre velhice. Fiquei na intersecção dessas realidades: colhi memórias de velhos”*(pág. 39).

Estudos Sobre a Velhice

Tendo em vista a restrita quantidade de trabalhos antropológicos sobre a velhice utilizei uma série de obras de outras áreas do conhecimento. Dentre elas acredito que *A Velhice: Realidade Incômoda*, de Simone de Beauvoir (1970) tem fundamental importância por ter se proposto a quebrar a “conspiração do silêncio” que circundava esse tema nos anos 70.

Para Beauvoir, o problema da velhice está no fato do homem não enxergar em seu futuro essa condição. Dentre todas as realidades a velhice talvez seja aquela cuja noção puramente abstrata mantemos durante maior lapso de tempo. Portanto, para que a velhice assuma o importante papel que lhe é devido, Beauvoir propõe que devemos

nos reconhecer na pessoa deste ou daquele velho, isso nos levaria a deixar de aceitar com indiferença os infortúnios da idade final. Tal afirmação pôde ser facilmente percebida durante a realização da pesquisa.

Já a antropóloga Guita Grin Debert faz em seu livro, *A Reinvenção da Velhice* (1999), uma análise da transformação da velhice em um tema privilegiado. Ela propõe que é necessário atentar para o duplo movimento que acompanha a transformação da velhice em uma preocupação social. Por um lado, percebe-se uma socialização progressiva da gestão da velhice. Isso é facilmente visualizado ao olhar um pouco para trás e constatar que até muito recente o cuidado com os idosos era uma preocupação restrita ao âmbito familiar ou, no máximo, relegado às associações filantrópicas. Atualmente, porém, o que se nota é um conjunto de intervenções e orientações, muitas vezes contraditórias, implementadas pelo aparelho Estatal e/ou pela sociedade civil. Até mesmo um campo de saber específico para a terceira idade foi criado: a gerontologia, especialistas no envelhecimento.

O segundo movimento, segundo a autora, é caracterizado pela imagem da velhice, construída a partir do século XIX, como uma etapa da vida marcada pela decadência física e ausência de papéis sociais. Apesar de causar a associação de uma série de aspectos negativos e, conseqüentemente, prejudiciais aos idosos, essa imagem foi um elemento fundamental para a legitimação de direitos sociais, como o direito à aposentadoria. Ao mesmo tempo essa revisão dos estereótipos ligados aos idosos traça um movimento contrário à socialização da gestão da velhice ocorrendo uma reprivatização dessa gestão. Na medida em que a sociedade, de uma forma geral, provê recursos financeiros e intelectuais para a existência de uma terceira idade sã, o idoso decadente é visto como relapso e culpado de sua própria decrepitude. Debert

(1999) ressalta que a visibilidade conquistada por experiências inovadoras e bem-sucedidas relacionadas com a reprivatização do envelhecimento, fecha o espaço e os olhos da sociedade para as situações de abandono e maus-tratos.

Uma visão mais psicológica é encontrada em *Memória e Sociedade* de Ecléa Bosi (1979). A tese da autora, segundo a introdução do livro feita por Marilena Chauí, é de que o velho não tem armas, nós é que temos que lutar por ele. A sociedade capitalista desarma o velho, mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa. Para Bosi (1979), oprime-se o idoso por intermédio de mecanismos institucionais: a burocracia da aposentadoria e dos asilos; psicológicos: a tutela, a recusa do diálogo, o banimento e a discriminação; técnicos: as próteses e a precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las; e científicos: as “pesquisas” que demonstram a incapacidade e a incompetência social do velho.

O trabalho de Bosi, longe de se encerrar na constatação da opressão a que está submetida a memória dos velhos, procura encontrar a gênese dessa opressão. Segundo ela, a degradação senil começa prematuramente com a degradação da pessoa que trabalha. A nossa sociedade pragmática, para ela, não desvaloriza somente o operário, mas todo trabalhador. Bosi conclui que para reparar a destruição sistemática que os indivíduos sofrem na sociedade da competição e do lucro e para que o indivíduo, na velhice, permaneça um indivíduo, seria necessário que ele sempre tivesse sido tratado como um indivíduo. Para ela, a noção que se tem de velhice decorre mais da luta de classes do que do conflito de gerações.

Outra obra de cunho psicológico é *A Arte de Envelhecer* de Mira y Lopes (1966), que pretende desfazer preconceitos existentes sobre a velhice e indicar os problemas

de relações humanas existentes nessa fase de vida, tratando da reorientação ocupacional e oferecendo conselhos médicos. É um livro com objetivos práticos, um esforço para modificar o critério e a atitude da sociedade em face da velhice de acordo com as concepções científicas da época. É o trabalho de um psicólogo que tem como objetivo, assim como algumas das obras supracitadas, modificar o comportamento de velhos e não de velhos em relação à velhice.

Maria Gusmão, em sua dissertação *A Sala de Espera* (1977), realiza uma pesquisa durante três meses de 1977 em um dos dois únicos asilos existentes, naquela época, em Brasília. Esse trabalho tem, na minha opinião, particular importância porque apresenta um panorama geral da situação do velho asilado no início do desenvolvimento da capital. Ela aborda questões centrais como os motivos que levam o velho ao internamento, a identidade do velho e os ritos sociais no asilo. Esse trabalho será melhor explorado no desenvolvimento da dissertação. É importante também ressaltar que, apesar de ter sido escrita em 1977, esta obra continua muito atual e ajuda a compreender a realidade do idoso ainda nos dias de hoje.

Durante a pesquisa da teoria da velhice que realizei encontrei várias coletâneas de artigos sobre o tema, dentre as principais estão *Velhice ou Terceira Idade*, organizada por Myriam Moraes Lins de Barros (1998), *As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil*, por Anita Liberalesso Neri (1991), *Terceira Idade*, por Altair Lahud (1998) e *Rejuvenescer a Velhice* por Maria Laís Mousinho (1996). Todas se propõem a refletir, dentro de diversas áreas do conhecimento, sobre a velhice e o envelhecer e observam que tratando de aspectos específicos da velhice podemos falar sobre o ser humano em geral.

Esses são alguns dos trabalhos mais utilizados na realização dessa pesquisa. Vale lembrar, no entanto, que recorri a várias outras obras de diversas áreas e temas. Essas serão usadas e/ou citadas no decorrer no trabalho.

Definições de Velhice

Delimitar a velhice não é fácil, não existem consensos na sua conceitualização. A cada trabalho escrito sobre o tema, novos conceitos são elaborados e discutidos. Nesse tópico pretendo mostrar conceitos de velhice nas obras mais utilizadas na pesquisa. Por fim, pretendo optar por uma das definições.

Simone de Beauvoir (1970) julga que a velhice pode ser vista como um fenômeno biológico, pois o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades como a despigmentação dos cabelos, a flacidez, a diminuição da agilidade e da força, etc. No entanto, esse fenômeno acarreta conseqüências psicológicas e possui uma dimensão existencial: modifica a relação do homem no tempo e, portanto, seu relacionamento com o mundo e com sua própria história. A autora ressalta também que essa condição biológica é diretamente influenciada pela questão social. Beauvoir (1970) afirma que a complexidade da conceitualização da velhice é devida à estreita dependência desses aspectos. Para ela, na velhice, esta relação é evidente, pois aí está, por excelência, o domínio do psicossomático.

Não é possível deixar de lado, porém, as idiosincrasias, já que é assim que a sociedade, segundo Beauvoir (1970), determina o lugar e o papel do velho. Reciprocamente, o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da

sociedade ao seu respeito. Desse modo, uma descrição analítica dos diversos aspectos da velhice não seria suficiente para conceituá-la. Cada um reage sobre todos os outros e é por eles afetado. A autora não tece uma definição fechada de velhice, dá apenas uma “receita” de como compreendê-la: a velhice tem de ser entendida em sua totalidade, não representa somente um fato biológico, mas também um fato cultural.

Ecléa Bosi (1979), afirma que, em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar ser humano. No entanto, tendo em mente o objetivo de um estudo de memória de velhos, Bosi entrevistou apenas indivíduos com idade superior a setenta anos. A autora não conceitua velhice, se prendendo mais ao aspecto da memória.

Mira y Lopes (1966) afirma ser a velhice um conjunto de mudanças naturais que se processa em nosso organismo com o passar dos anos, mas aponta a impossibilidade de concretizar o critério de velhice.

Na dissertação de mestrado de Maria Gusmão (1977), a velhice é bem delimitada. A autora afirma que, apesar das dificuldades, define velhice como um fenômeno biológico (um declínio irreversível do vigor físico e mental em decorrência da passagem do tempo após ter o organismo alcançado a sua plena maturidade) com repercussões sociais: afastamento da atividade produtiva, estigmatização e internamento eventual em instituições. Não deixa de ressaltar, no entanto, que ser velho implica sempre uma relativização, visto que há pessoas em diferentes estágios de envelhecimento, num *continuum* e, ao se representarem como velhas, essas pessoas o fazem por comparação com outras.

O sociólogo e gerontólogo Ricardo Moragas Moragas em seu livro, publicado em 1997, *Gerontologia Social: Envelhecimento e Qualidade de Vida* divide o conceito de

velhice em três categorias. Descreverei todas as três por julgar de importância a diferenciação precisa entre elas.

A primeira, e mais recorrente, é a chamada “velhice cronológica”. Ela é baseada nas idades tradicionais de afastamento do trabalho profissional. Fundamenta-se na velhice histórica real do organismo, medida pelo transcurso do tempo. É objetiva em sua medida, visto que todas as pessoas nascidas na mesma data têm idêntica idade cronológica e formam uma unidade de análise utilizada freqüentemente por demógrafos e estudiosos da vida social.

A segunda categoria ressaltada é a “velhice funcional”. Corresponde ao emprego do termo “velho” como sinônimo de “incapaz” ou “limitado”, e reflete a relação tradicional de velhice e limitações. Acredito que esta é uma conceitualização perigosa, já que, na minha opinião, a velhice não vem necessariamente acompanhada da incapacidade. A velhice humana origina, de fato, reduções na capacidade funcional do indivíduo em decorrência do tempo, assim como qualquer organismo vivo, mas essas limitações não impossibilitam o ser humano de desenvolver uma vida digna psíquica e socialmente.

A terceira é a denominada “velhice, etapa vital”. Baseia-se no reconhecimento de que o transcurso do tempo produz efeitos na pessoa, que entra numa etapa de vida diferente de todas as anteriormente vividas. Essa etapa possui uma realidade própria e diferenciada das anteriores, limitada, segundo Moragas (1977), unicamente por condições objetivas externas e subjetivas. De acordo com esse ponto de vista, a velhice constitui um período semelhante ao das outras etapas vitais, como a infância e a adolescência. Possui certas limitações que, normalmente, agravam-se com o passar do

tempo. Por outro lado, é uma fase da vida marcada por potencialidades únicas e distintas.

A Organização Mundial de Saúde utiliza como fatores para delimitar o início da velhice, a idade cronológica e o nível de desenvolvimento do país em que reside o idoso. Segundo a OMS, nos países desenvolvidos a velhice tem início aos 65 anos de idade, já nos subdesenvolvidos, aos 60.

No livro *Terceira Idade*, Altair Macedo Lahud (2004) diz que a velhice não nos é dada, é construída através dos anos, desde a infância. No entanto, as diferentes ideologias vêem o velho de formas diferentes: consideram-no depositário de saberes, da memória de um povo ou desvalorizam sua presença na sociedade, atribuindo-lhe o estereótipo do desvalor, o preconceito da inutilidade e o estigma da feiúra.

Optar por uma das definições de velhice é algo muito complexo tendo em vista todas as dificuldades acima demonstradas. No entanto, existe a necessidade de uma delimitação do conceito para o desenvolvimento da pesquisa e acredito que a definição de Gusmão, apesar de ser um pouco restrita demais, na minha opinião, é a de mais fácil utilização na prática. Esse será o conceito de velhice que utilizarei no desenvolvimento do trabalho. Acrescento, porém, a essa definição algo muito explorado nos livros sobre o tema e que pude fortemente perceber na pesquisa de campo: o fato de que a velhice só existe, realmente, no outro.

É importante lembrar, no entanto, que a velhice é vista e encarada de forma diferente entre homens e mulheres. Para o homem idoso o principal marco de que está se tornando velho é a aposentadoria, para a mulher que hoje é idosa, que foi criada em uma época onde o homem era o provedor da família e ela uma simples dona-de-casa, esse marco se estende para quando não consegue mais realizar as tarefas domésticas.

Creio que a menopausa que, para a sociedade em geral, possui um estigma semelhante ao da aposentadoria, tem pouca importância para essas mulheres. Daqui a poucos anos, entretanto, acredito que este quadro mudará drasticamente, tendo em vista a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Outro aspecto que deve ser abordado, mesmo que brevemente, é a diferença entre *velho e idoso*. O vocábulo *velho* possui no Brasil, segundo Clarice Peixoto no livro *Velhice ou Terceira Idade* (1998), uma conotação negativa desde os anos 60. Anteriormente, empregado de maneira geral, este termo não possuía um caráter especificamente pejorativo, embora apresentasse uma enorme ambigüidade. Esse termo adquiria um caráter de expressão afetiva ou pejorativa dependendo da forma como era empregado, pela entonação ou pelo contexto em que era utilizado.

A mudança da imagem da velhice resgatou a noção de idoso, até então pouco utilizada. Observa-se então que as ambivalências já são fortes. *Velho e idoso* podem se confundir, mas *idoso*, segundo Peixoto, marca um tratamento mais respeitoso. As ações em favor dessas mudanças de nomenclatura se multiplicam, mas isso não significa uma real mudança em como a velhice é encarada. “*Trocam-se apenas as etiquetas*”. Segundo a autora, a categoria *idoso* invade todos os domínios e o termo *velho* passa a ser sinônimo de decadência, sendo banida dos textos oficiais. Acredito, porém, que *velho, idoso* ou a mais nova denominação, *terceira idade*, são construções sociais e culturais que pouco influenciam na vida prática do indivíduo asilado. Por tanto, utilizarei esses vocábulos, assim como o fiz com os termos *asilo, pousada, casa de repouso, etc*, como sinônimos, indistintamente.

Velhice e História Oral

A primeira geração de “historiadores orais” surgiu, segundo Philippe Joutard em seu artigo *História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos*, nos Estados Unidos nos anos 50 e seu objetivo era, simplesmente, juntar material para historiadores futuros. Já na Itália, sociólogos e antropólogos se utilizavam da pesquisa oral para reconstituir a cultura popular. Eles são os precursores da segunda forma de história oral que surge com a segunda geração em fins dos anos 60.

Essa nova geração não tratava mais a história oral como uma simples fonte complementar do material escrito. Para eles estava surgindo uma “outra história”, afim da antropologia, que daria voz aos povos sem história. Essa história se pretendia militante, se considerava à margem do mundo acadêmico e era praticada por não-profissionais: feministas, educadores, sindicalistas. Em sua versão mais radical era uma história alternativa. Nessa linha, na Itália, a história oral desenvolveu a idéia de que só se chega à “verdade do povo” graças ao testemunho oral. Essa forma de história difundiu-se ainda mais na Inglaterra, sobretudo com Paul Thompson, mas também na América Latina, que retomou um pouco o espírito da primeira forma de história oral.

Embora a introdução da história oral no Brasil date dos anos 70, ela só ganhou força, no país, na década de 90. A história oral é uma área de pesquisa que vem avançando fortemente no Brasil. No entanto, a reflexão e a discussão metodológica ainda são limitadas, em especial pela dificuldade do acesso à bibliografia sobre o assunto. No Brasil, em geral, trabalhar com história oral significa se utilizar dela apenas

como um artifício a mais durante a pesquisa. Ferreira e Amado, organizadoras do livro *Usos e Abusos da História Oral* (1996), afirmam:

“Trabalhar com história oral no Brasil ainda consiste em gravar entrevistas e editar depoimentos, sem explorá-los suficientemente, tendo em vista um aprofundamento teórico-metodológico; também é comum a utilização de entrevistas, em associação com fontes escritas, como fornecedoras de informações para a elaboração de teses ou trabalhos de pesquisa, sem que isso envolva qualquer discussão acerca da natureza das fontes ou de seus problemas”. (Pág. xi)

Atualmente, o principal ponto de discussão sobre a história oral gira em torno do fato de que nem mesmo os estudiosos do assunto alcançaram um consenso sobre o que, de fato, é a história oral. São três as principais posturas sobre o status da história oral. A primeira afirma que ela é uma técnica; a segunda, uma disciplina; e a terceira, uma metodologia. Os que entendem a história oral como uma técnica acreditam que, a ela, interessam, apenas, as experiências com gravações, transcrições e entrevistas. Alguns defensores dessa postura assim o fazem por manterem com a história oral uma relação puramente profissional (responsáveis pela conservação de acervos orais, por exemplo) ou uma relação eventual, como alguns cientistas sociais que utilizam as entrevistas como uma fonte complementar. A essas pessoas, no entanto, somam-se as que efetivamente concebem a história oral como uma técnica, negando-lhe qualquer pretensão metodológica ou teórica. Roger William, em artigo publicado no *International Journal of Oral History* e traduzido no livro de Ferreira e Amado, diz:

“A chamada ‘história oral’ não passa de um conjunto de procedimentos técnicos para a utilização do gravador em pesquisa e para a posterior conservação das fitas. Querer mais do que isso é ingressar no terreno da mais pura fantasia. A história oral não possui os fundamentos filosóficos da teoria, nem os procedimentos que possam ser qualificados como metodológicos. Ela é fruto do

cruzamento da tecnologia do século XX com a eterna curiosidade do ser humano”. (Pág. xii)

A segunda postura, que julga ser a história oral uma disciplina, tem como base a idéia de que a história oral inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos que dá unidade ao campo de conhecimento. Para esse grupo de pessoas, pensar a história oral dissociada da teoria é o mesmo que conceber qualquer tipo de história como um conjunto de técnicas incapaz de refletir sobre si própria. Os autores divergem, no entanto, sobre quais seriam esses conceitos e características peculiares da história oral. Acreditam que o *corpus* teórico da história oral ainda precisa ser mais bem delineado.

Os que advogam que a história oral é uma metodologia divergem daqueles que defendem a idéia da disciplina por não acreditarem que a história oral seja uma área de estudos com objeto próprio e capacidade de gerar, no seu interior, soluções teóricas para as questões surgidas na prática. No entender da terceira corrente, a história oral apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho, funcionando como uma ponte entre prática e teoria. “(...) *na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas*” (pág. xvi), afirmam Ferreira e Amado. As soluções e respostas devem, portanto, ser buscadas nas teorias de fato.

No presente trabalho, optei por encarar a história oral como metodologia por acreditar que, ao considerá-la como técnica, restrinjo o seu potencial, que vai muito além de questões como organização de acervos, realizações de entrevistas, etc. Não a entendo, também, como disciplina, pois, dessa forma, deveria deixar de lado a teoria antropológica para encontrar respostas apenas no âmbito da história oral.

Como é possível perceber pela breve cronologia feita no início deste tópico, a história oral, na maior parte do tempo, foi usada para dar voz às minorias, reconstituir acontecimentos históricos pela visão dos oprimidos. Acredito, no entanto, que existem várias “modalidades” de história oral e, nesta dissertação, utilizarei uma dessas modalidades em especial: a história oral que conta histórias de vida.

Dentro do quadro amplo da história oral, a história de vida constitui uma espécie ao lado de outras formas de informação também captadas oralmente. A história de vida se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Para Maria Isaura Pereira Queiroz, em seu artigo “*Relatos Oraís: do ‘indizível’ ao ‘dizível’*” (1988), a história de vida é uma:

“Narrativa linear e individual dos acontecimentos que ele (o narrador) considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros do seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. Desta forma, o interesse deste último está em captar algo que ultrapassa o caráter individual do que é transmitido e que se insere nas coletividades a que o narrador pertence. Porém, o relato em si mesmo contém o que o informante decide oferecer, para dar idéia do que foi sua vida e do que ele mesmo é”. (Pág. 20)

Embora o pesquisador, indiretamente, dirija a entrevista, quem decide sobre o que vai falar e sobre o que vai calar, é o narrador e, diante disso, o pesquisador deve, segundo Queiroz (1988), permanecer silencioso pois, o importante é captar as experiências do entrevistado. É este, e não aquele, que deve determinar o que é relevante ou supérfluo na narração.

Uma forte crítica feita à utilização da história de vida nos trabalhos científicos é que a utilização somente dela resultaria em trabalhos limitados, sendo necessário,

portanto, o uso de outras fontes que auxiliariam a história de vida. Segundo esses críticos, tendo em vista que a coleta de uma história de vida demanda muito tempo, seria praticamente impossível conseguir histórias suficientes para formar uma base empírica confiável. Porém, Queiroz (1988) afirma que uma única história de vida quando convenientemente analisada, pode ser da maior importância para a definição de questões da coletividade. Certamente uma só história de vida não esgotará todos os aspectos da realidade, mas sempre levantará questões relevantes. Essas críticas, no entanto, perderam sua força na atualidade. Ainda segundo Queiroz (1988), não se nega mais que mesmo uma única história de vida possa ser objeto de um estudo aprofundado e frutífero.

Outra crítica feita ao uso da história de vida é a de que esta é contada por um personagem e gira em torno deste. No relato, o pesquisador colhe dados que indicam como se formou a personalidade de um indivíduo, através de seqüências de experiências vividas por ele. Uma pessoa mais afoita diria que essa história trata de algo eminentemente individual e, portanto, não tem utilidade para as ciências sociais. No entanto, o que existe de individual e único em uma pessoa é excedido, em todos os seus aspectos, por uma infinidade de influências exteriores. O indivíduo cresce em um meio sócio-cultural e está profundamente marcado por este. Portanto, é possível afirmar que o estudo da história de vida de um indivíduo pode acabar sendo um estudo da sociedade em que ele está inserido. É exatamente esta característica dos indivíduos que nos permite usar a história de vida para extrapolar a vida de um único indivíduo.

Realizar uma reflexão sobre a memória, a lembrança, também se faz fundamental para pensarmos o estudo das histórias de vida. Henri Bergson, por exemplo, em seu livro *Matière et Mémoire* (apud Bosi, 1979), acredita que a lembrança

nada mais é do que uma conservação total do passado. Ele afirma que seria possível, ao adulto, manter intacto o sistema de representações, hábitos e relações sociais da infância. Bergson não problematiza as relações entre sujeitos e “coisas lembradas”, falta, portanto, em sua teoria um tratamento da memória como fenômeno social.

No entanto, essa concepção da memória como produto de uma atividade meramente subjetiva foi superada pelo pensamento de Maurice Halbwachs em seu livro *La Mémoire Collective* (1956), para quem as lembranças são frutos de uma atividade de reconstrução do vivido. Halbwachs, herdeiro de Durkheim, foi o principal estudioso das relações entre memória e história pública. Para Durkheim, em seu livro *As Regras do Método Sociológico* (1990), o eixo das investigações sobre a “psique” e o “espírito” se desloca para as funções que as representações e idéias dos indivíduos exercem no interior de seu grupo e da sociedade em geral. Halbwachs desdobra as definições de Durkheim. Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas estão ligadas à realidade interpessoal das instituições sociais. Halbwachs se propõe, portanto, a estudar os “quadros sociais da memória” e não a memória em si. Para ele, a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, a igreja, a profissão; enfim, com os seus grupos de convívio e de referência. Esse trabalho da memória conta com o suporte de imagens e idéias, valores e afetos vinculados a grupos sociais junto aos quais o memorialista experimenta algum sentimento de pertença. Se há ocasiões em que a aprovação social assenta as lembranças sobre a operação de ideologias e estereótipos, há momentos outros em que os apoios comunitários são articulados de modo original pela memória individual, desde então participando de um ponto de vista particular sobre o passado. Halbwachs

amarra, assim, a memória da pessoa à memória do grupo, e esta última a uma esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade.

Em seu livro *Memória e Sociedade* (1979), Ecléa Bosi concorda com Halbwachs afirmando que:

“A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista”. (Pág. 55)

A esta argumentação de Bosi podemos acrescentar a releitura das lembranças. A partir dos depoimentos colhidos para este trabalho é possível perceber uma postura totalmente nova frente aos acontecimentos do passado. A situação atual do “lembrador” influencia diretamente sua forma de lembrar e, especialmente, no julgamento do que se lembra. D. Zezé, por exemplo, lembra de alguns feitos de sua juventude com um arrependimento que, segundo ela mesma, há alguns anos atrás, não sentia.

“Meu primeiro namorado chamava José Lima, eu gostava muito dele. Eu tinha uns 17 pra 18 anos. Ele gostava de mim demais, chegou ao ponto do pai dele vir falar comigo pra eu não terminar o namoro com ele, que eu não ia achar um rapaz que gostasse de mim como o filho dele gostava. Mas eu não quis ficar com ele. Larguei ele porque numa noite ele veio falar comigo todo arrumado e disse: Maria José eu vou visitar minha irmã. E eu acreditei. Quando foi no dia seguinte uma conhecida nossa veio me falar: Maria José, você não sabe de nada! Aí eu disse: não quero saber de nada mesmo não. Aí ela disse: José veio falar com você que ia pra casa da irmã? Pois ele foi é atrás de uma piranha! E aí eu desliguei. Eu falei com ele que tava terminando por causa disso, mas ele disse que era mentira e minha amiga falou que não era mentira, e eu acabei acreditando nela. Mas eu me arrependi, eu acho que ele tava falando a verdade. Até pouco tempo eu achava que tinha feito certo, que ele tava mentindo, mas hoje eu acho que me enganei. Eu acho que se eu não tivesse terminado com ele, acho que eu casava, ele namorava pra casar.”

Outro que concorda com Halbwachs é Frederic Charles Bartlett, autor do livro *Remembering*. Bartlett utiliza muito o conceito de “convencionalização”, retirado da obra de W. H. R. Rivers: *The History of Melanesian Society*. Convencionalização, para Rivers, é o processo pelo qual imagens e idéias recebidas de fora, acabam assumindo uma forma de expressão ajustada às convenções estabelecidas em determinado grupo. Bartlett, transpondo o conceito para a psicologia social, afirma que a matéria-prima da lembrança não aflora em estado puro, ao contrário, ela é tratada pelo ponto de vista ideológico e cultural do grupo em que o sujeito está situado.

Para Bartlett, existe uma grande diferença entre a “matéria da recordação”, o que se lembra; e o “modo da recordação”, como se lembra. A matéria, segundo ele, estaria condicionada pelo interesse social que o fato lembrado tem para o sujeito. Já o modo, é influenciado por uma série de variáveis, como a personalidade, o temperamento e o caráter do sujeito que lembra. Neste ponto, Bartlett ultrapassa os estudos de Halbwachs, pois, para este, o estudo da lembrança deve se ater aos níveis sociais da memória, às relações vividas pelo sujeito, já que estas são suficientemente capazes de articular a atividade mnêmica e sua forma narrativa. Já para Bartlett, é possível analisar os estilos narrativos em função das diferenças pessoais dos sujeitos. A conquista em comum, no entanto, entre Halbwachs e Bartlett é a “*inerência da vida atual ao processo de reconstrução do passado*” (apud Bosi, 1979, pág. 66). A “convencionalização” seria, portanto, um trabalho de modelagem que a situação evocada sofre no contexto de idéias e valores dos que a evoca.

Bartlett discute também a questão da construção social da memória. Ele afirma que quando um grupo trabalha intensamente em conjunto há uma tendência de criar “esquemas coerentes” de narração e interpretação dos fatos, dando aos fatos uma

versão “consagrada” dos acontecimentos. Ao mesmo tempo, se não há um grupo de convivência, os acontecimentos se perdem na memória, já que não são objetos de conversas. A elaboração do grupo seria, assim, fundamental. Sem ela, tende-se a reproduzir a primeira impressão, a memória pura de que fala Bergson. Com ela, porém, a primeira impressão é gradativamente substituída pelas representações e idéias dominantes do grupo, como afirma Halbwachs.

Em um asilo a primeira “convencionalização” que se percebe é sobre a internação do idoso. Em todos os anos em que freqüentei a Casa nunca encontrei um único idoso que afirmasse, com todas as letras, que foi colocado no asilo contra a sua vontade. Todos dizem que a decisão de ir para um asilo foi, de alguma forma, sua, como podemos perceber nas declarações abaixo.

“Meu filho jamais me deixaria aqui, mas a mulher dele tem ciúme de mim, por isso que eu tô aqui. Eu criei meu filho e sei que ele é bom, um dia ele vem me buscar”. Dona Ju.

“Eu vim pra cá porque quis. Lá na casa do meu filho não tinha espaço pra mim e pros netos. Quando eu tinha força pra ajudar era melhor, mas depois que fiquei doente não podia ajudar em quase nada e comecei a atrapalhar. Disse pro meu filho que queria ir prum asilo, ele não queria deixar de jeito nenhum, disse que não ia colocar a mãezinha dele num asilo, mas eu conversei com ele e tô aqui a dois anos já. (...) ia ser bom voltar pra lá, mas só se ele tiver melhorado de vida, né, porque não quero atrapalhar. Mas que ia ser bom voltar pra casa ia.” Dona Maria José.

“Aí eu falei, eu vou ficar morando aqui uns tempos. Porque eu tava morando na casa do meu irmão, tomando remédio, na asa norte. E o lugar onde eu morava ficava longe, era lá no Jardim Ingá. Aí eu vim aqui e achei melhor eu ficar por aqui, por causa da casa maior e tudo. Porque lá eles eram muito bom pra mim, mas o apartamento pequeno, casa que tem moça, tem rapaz, ainda mais eu ali. Eu achei bom vir pra cá. Eu sentia que incomodava porque a gente ta na casa dos outros, e eu morei lá um ano”. Dona Eni.

Neste ponto da discussão acredito já ser possível imaginar a importância da história oral, da história de vida e da memória para a realização deste trabalho. Em praticamente toda a bibliografia sobre história oral é possível encontrar um trecho que fale, especificamente, sobre a memória dos idosos. Isso se dá, principalmente, devido ao papel que o velho desempenha em algumas sociedades: o do “lembrador oficial”.

Ecléa Bosi, em seu livro *Memória e Sociedade*, se questiona: “*a memória do velho é uma evocação pura, ‘onírica’, do passado (...) ou um trabalho de refacção deste?*” (Pág. 60). Ao contrário de Bergson, que certamente apoiaria a primeira hipótese, Halbwachs defende a segunda e afirma que o que rege a atividade mnêmica do idoso é a função social exercida no momento pelo sujeito que lembra. Halbwachs ressalta, porém, a importância de se comparar o sentido da lembrança para o velho e para o adulto. Enquanto que para o adulto o momento de evocação é um momento de relaxamento, de repouso, de fuga, para o idoso este momento é de ocupação consciente do próprio passado, da “substância mesma de sua vida”. Halbwachs afirma que o velho não se contenta em aguardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura precisá-las.

A função de “lembrador oficial” é atribuída ao velho quando ele deixa de ser um membro ativo da sociedade, é o que Bosi chama de “velhice social”. Halbwachs, por exemplo, afirma que:

“Nas tribos primitivas, os velhos são os guardiões das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo que os outros mais também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo de conversações com outros velhos, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação. Em nossas sociedades também estimamos um velho porque, tendo vivido muito tempo, ele tem muita experiência e está carregado de lembranças, como, então, os homens idosos não se interessariam apaixonadamente por este passado, tesouro comum de que se constituíram depositários, e não se

esforçariam por preencher, em plena consciência, a função que lhes confere o único prestígio que possam pretender daí em diante?”. (apud Bosi, pág. 63)

No entanto, nem toda sociedade exige, ou mesmo incentiva, que o idoso assuma essa função. De fato, o idoso ocupa mais o seu tempo com lembranças do que o indivíduo adulto, mas isso não significa, necessariamente, que a sociedade o valorize por isto. A sociedade moderna, ao contrário, ao exaltar demais a juventude, se esquece da importância do passado e apaga, junto com ele, o guardião das tradições, o “lembrador oficial”.

Durante este trabalho pude perceber, por parte das idosas, uma vontade sem fim de retomar o posto de guardiãs do passado. Durante cada uma das entrevistas foi possível perceber a alegria crescente com a atenção recebida. D. Zezé, por exemplo, que no começo das entrevistas mal conseguia ficar sentada no sofá por causa das tremedeiras do mal de parkinson, no fim estava firme e sem nenhum espasmo. Ao questioná-la sobre isso, ela me respondeu: *“a gente ocupa a mente e esquece do corpo. Lembrar é o melhor remédio do mundo”*.

Por fim, vale dizer que a memória dos velhos, já libertos dos afazeres diários, revive e contempla o passado. No entanto, isso se dá muito ao fato de serem colocados à margem da sociedade. Ou seja, quando o indivíduo envelhece, a nossa sociedade passa a vê-lo como um fardo a ser carregado. Ele não contribui mais para a economia mundial e nem mesmo para a doméstica. Neste momento, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. Nesse sentido, Bosi afirma que:

“o vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade de encontrar ouvidos atentos, ressonância. (...) A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência

profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desapareção de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual". (Pág. 82)

Bom, eu não poderia concordar mais com esta afirmação!

Velhice e Gênero

Como dito anteriormente, a variável "gênero" não estava na idealização inicial deste trabalho. A condição de gênero surgiu em campo e, por isso, não pôde ser ignorada e acabou por ser um dado crucial da pesquisa. Especialmente por tratarmos de mulheres que nasceram e foram criadas antes das principais mudanças no papel da mulher na sociedade, embora levando em conta a emancipação construída por lutas feministas e de mulheres na modernidade, se faz necessário destacar a condição feminina ainda instituída sob a base do mundo privado, portanto, a mulher culturalmente constituída no e para o espaço doméstico. Esta estratégia analítica, portanto, propõe-se a operar em duas instâncias: como forma de classificação social a ser resgatada e como dado constitutivo da identidade do sujeito de pesquisa.

A literatura tem apontado para diferentes interpretações do gênero enquanto categoria de análise, pois ao longo do tempo este termo tem apresentado variações quanto à sua conotação e utilização. Portanto, é de relevância para este estudo compreender o gênero em suas diferentes acepções para que possamos entender a amplitude desta categoria, bem como explicitar a abordagem que será utilizada na presente pesquisa.

O termo gênero emergiu como categoria de análise a partir dos movimentos feministas estadunidenses que enfatizavam o caráter social das distinções baseadas nos sexos, rejeitando o determinismo biológico. Neste enfoque o uso do termo objetivava enfatizar a importância dos sexos, dos grupos de gênero na sociedade. Com isto as feministas pretendiam incluir as mulheres numa história que até então era masculina, pretendiam resgatar e reconhecer as contribuições das mulheres na sociedade.

Juntamente com Malinowski e Bateson, inventando ou não fábulas de identidade, Margareth Mead (1988) pode ser considerada a precursora dos estudos que problematizam a construção do gênero e as relações que nela se baseiam a partir do ano de 1970, em *Sexo e Temperamento*. Todos(as) fizeram da construção social das diferenças sexuais um objeto de estudo.

Maria Luiza Heilborn (1992) coloca que em sua acepção original, gênero é o emprego de designações diferenciadas para designar indivíduos de sexos diferentes ou ainda coisas sexuadas. Mas o termo acabou por tomar outros rumos, significando a distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos e a dimensão biológica dos seres humanos. Desenvolveu-se o conceito de sistemas de sexo-gênero com o intuito de demarcar os dois níveis diferenciais que a condição sexual comporta. Há uma discussão bastante elaborada sobre os componentes deste sistema.

Segundo Lia Zanotta Machado (1992), a idéia de gênero está ligada à de diferença e a idéia de desconstrução, baseando-se na inexistência de um modelo universal. Ela, assim como Heilborn, afirma que há um acordo generalizado de que a origem da situação feminina peculiar se localiza na estrutura da instituição de

parentesco. Há ainda a noção de gênero assumindo um caráter implicitamente relacional do feminino e do masculino.

Gayle Rubin situa Freud e Lévi-Strauss entre os que formulam uma teoria da sociedade onde a sexualidade tem um papel determinante. Ambos fornecem instrumentos conceituais sobre a parte da vida social onde se encontra o locus da opressão. Opressão que não se resume às mulheres, abrangendo igualmente as minorias sexuais e certos aspectos da personalidade dos indivíduos. Por meio do conceito de sistema sexo-gênero ela destaca o indicador anatômico e a elaboração cultural como dois elementos distintos presentes naquilo que outrora se designava como papéis sexuais e agora é referido como gênero.

Collier e Rosaldo (apud Machado, 1992) sugerem um modelo para o estudo de gênero como sistema cultural. Propõem um modelo sobre como as desigualdades entre os sexos figuram e podem ser entendidas pelas referências a desigualdades estruturais que organizam uma dada sociedade. Defendem que as relações políticas e econômicas, mais a organização do parentesco e as relações conjugais, influenciam as relações de gênero. Neste esquema, a anterioridade lógica é dada à ordem pragmática. O gênero expressaria desse modo um desequilíbrio prévio. Desse modo, a assimetria sexual é um certo desequilíbrio na natureza da organização das obrigações e do acesso ao reconhecimento do público. Assim, a assimetria de gênero não é universal, sempre assume a cor local.

Já Ortner e Whitehead (1981), sustentam que o gênero é uma das estruturas de prestígio determinantes da origem das relações tanto políticas como econômicas. Whitehead formula que *“qualquer manifestação do sexo está enraizada num conjunto mais amplo de premissas cosmológicas e num padrão particular de privilégios e*

obrigações sociais que dividem categorias sexuais". A dimensão ideológica e cultural do sexo e do gênero é reveladora do social, atuando na moldagem de papéis sexuais, identidade sexual e do erotismo.

Para Marilyn Strathern (apud Machado, 1992) gênero é entendido como um nome que se refere a um tipo de categoria de diferenciação. Por gênero, ela entende as categorizações de pessoas, artefatos, eventos, seqüências e tudo que desenha a imagem sexual, indicando os meios pelos quais as características de masculino e feminino tornam concretas as idéias das pessoas sobre a natureza das relações sociais. Gênero não seria uma categoria analítica para Strathern, seria uma categoria de diferenciação e não teria, em si mesma, qualidades de definição, atuando como um operador de reconhecimento de um campo específico entre as categorias de diferenciação. Para ela, torna-se impossível, em seu modelo, pensar gênero apenas como uma questão de relação entre mulheres e homens. Gênero refere-se às relações internas entre partes das pessoas tanto quanto sua externalização como relações entre pessoas.

Para Johan Scott (1995) gênero é uma categoria analítica. Seria o conhecimento sobre a diferença sexual. Conhecimento relativo, conduzido por meios complexos, referindo-se não só às idéias, mas às instituições e estruturas, práticas cotidianas, rituais. Seria a organização social da diferença sexual, o conhecimento que estabelece significações para as diferenças corpóreas. Para ela, as diferenças entre os sexos constituem um aspecto primário da organização social e que estas diferenças são fundamentalmente culturais. O gênero, como sugere Scott, é uma referência decisiva na instauração do poder político, no domínio do institucional e do simbólico.

Para a presente pesquisa, o gênero é um constructo abstrato, um princípio de classificação que emerge da observação do real. Neste caso, o que a operação lógica mantém da observação do real é o princípio da descontinuidade, do que não é idêntico, inscrita na biologia. Representa, portanto, a marca elementar da alteridade. Desse modo, a ordem simbólica que se origina do gênero fala primeiro da descontinuidade do que de qualquer outra propriedade intrínseca do objeto. Assim, ainda que existam certas atividades invariantes em todas as culturas, masculino e feminino possuem significados distintos em cada cultura. O universo circundante passa, portanto, por uma categorização de gênero. A postura adotada em questão é a desnaturalização do que se apresenta como natural em mulheres e homens. Ou seja, desnaturalizar relações mostrando-as como construções sociais, históricas e culturais, questionando a supremacia da natureza, sempre vista como fora da história, na constituição do que é ser homem e do que é ser mulher, do que define o masculino e o feminino.

Portanto, gênero não deve ser acionado como um termo substituto para mulher ou homem, mas como uma dimensão relacional de significado que pressupõe justamente a especificidade da relação criada entre ambos. Seu uso designa a dimensão inerente de uma escolha cultural e de conteúdo relacional. E, quando se fala em identidades socialmente construídas, se está enfatizando a perspectiva sistêmica que domina o jogo de construção de papéis e identidades para ambos os sexos.

Contraopondo-se a qualquer essencialismo ou determinismo, os últimos estudos sobre gênero procuraram demonstrar que o feminino, assim como o masculino, não são constituídos, nem propriamente, nem necessariamente, pelas características sexuais (vistas como naturais), mas pela forma como essas características são representadas ou valorizadas em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.

Como aponta Joan Scott (1995), o gênero tanto representa uma categoria analítica quanto uma relação social que constrói distinções baseadas no sexo. Quando categoria analítica, o gênero instrumentaliza o pesquisador tanto na desconstrução daquelas evidências biológicas que instauram uma permanente oposição binária masculino/feminino – que por sua vez estabelece o primeiro (dominador) como referência para o segundo (dominado) – quanto problematiza a questão das relações de gênero, entendendo-a como uma das variáveis sociais que instituem as identidades dos sujeitos sociais. Em comentário a respeito da perspectiva que Joan Scott atribui ao gênero como relação social, Guacira Lopes Louro (apud Brito, 1997) mostra como se produz essa construção identitária decorrente do gênero:

“Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir (...) a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a idéia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. (...) Nesta perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições “fabricam” os sujeitos.” (Pág. 238)

A questão do gênero aparece fortemente ligada com a questão da velhice no momento em que nem mesmo os estudiosos do assunto chegam a um consenso. Alguns, como MCGee e Wells (apud Debert, 1994), acreditam que durante as etapas mais avançadas da vida, papéis sociais e atitudes consideradas tipicamente masculinas ou femininas tenderiam a se misturar. O envelhecimento envolveria uma masculinização das mulheres e uma feminização dos homens, de forma que as diferenças de gênero se dissolveriam na “normalidade unissex da idade avançada”. Guita Grin Debert, no entanto, em seu artigo *Gênero e Envelhecimento* (1994), acredita

que a preocupação recente com o envelhecimento de qualidade transforma a velhice em uma experiência radicalmente distinta para homens e mulheres. Para ela, nem mesmo as diferenças de classe se sobrepõem às diferenças de gênero.

Durante a pesquisa foi possível perceber que trajetórias sociais de gênero são determinantes na situação real e no sentimento dessas mulheres como idosas. A forma como se sentem inúteis por não poderem fazer os trabalhos domésticos que passaram a vida toda realizando, ou o contrário, quando se sentem livres e valorizadas por ainda possuírem uma ocupação, mostra o quanto a ideologia machista ainda é forte na cabeça dessas mulheres.

“Às vezes eu queria poder fazer alguma coisa. Ajudar em alguma coisa, passar um café, lavar uma louça. Me sinto muito inútil aqui. Não tenho mais casa, não tenho mais filho, pra quê que eu sirvo?”. Dona Mariinha.

“Eu fico por conta da Conceição o dia todo. Mas eu acho bom ter uma ocupação. Porque é um serviço que todo dia você tem ele pra fazer, aí ocupa a mente, a gente distrai um pouco, porque ficar quietinha, quietinha é ruim demais, parece que o tempo não passa”. Dona Eni.

Alda Britto da Motta em seu artigo *As Dimensões de Gênero e Classe na Análise do Envelhecimento* (1999), afirma que as mulheres quem mantêm algum tipo de trabalho doméstico e cotidiano, em geral, declaram-se mais vigorosas, saudáveis e independentes. Isso pôde ser facilmente percebido durante a pesquisa. Segundo Motta (1999), essa percepção da velhice é diferente para mulheres e homens. Para ela, eles diferem quanto a atitudes, práticas e representações, porque as relações de gênero, como construções sociais de formas de dominação e subordinação, têm resultado, historicamente, em experiências e trajetórias sociais diferenciadas para o homem e para a mulher. Para a mulher, Motta (1999) acredita que a prescrição tradicional foi:

“domesticidade e maior repressão social e sexual, desestímulo ou dificuldade de acesso e permanência no mercado de trabalho, desigualdades de formação e de condições de trabalho em relação às dos homens (...)”. Enfim, o que se esperava de uma mulher era obediência e conformismo. Embora este padrão não faça mais parte, de forma tão pungente, da vida da maioria das mulheres de hoje, foi ele que norteou as vidas das mulheres que fazem parte desta pesquisa.

Motta, inclusive, concorda com Debert no que diz respeito à importância da variável *gênero* nos estudos sobre a velhice. Para ambas, as diferenças de gênero já superaram, em muito, as diferenças de classes durante a terceira idade. Motta (1999) afirma que:

“(...) ser velha pode significar viver em grande pobreza, ou até na miséria, mesmo para aquelas originalmente de classe média, por tratar-se de uma geração de escassa participação no mercado de trabalho e, portanto, com poucos recursos pessoais de sobrevivência. Pode significar, também, falta de companheiro ou solidão mais freqüente, devido ao maior número de viúvas, ao crescente número de separadas, ou de solteiras com filhos, mulheres chefiando famílias que nunca se constituíram ‘completas’. Ao mesmo tempo, não raro são arrimos de família dos filhos adultos”. (Pág. 210).

Dona Eni e Dona Zezé se encaixam em dois dos casos acima citados. Dona Eni trabalhou a vida inteira como “dona de casa” e agora, como sempre dependeu do marido e nunca contribuiu para a previdência, sofre por não conseguir se aposentar. Dona Zezé sofre de solidão por ter sido mãe solteira e, depois de vários anos vivendo como uma empregada doméstica na casa do filho, foi internada no asilo a pedido da nora. Na Casa, as representações da velhice, em geral, não ultrapassam essas concepções. Fora, no entanto, é possível encontrar idosas que afirmam que ser velha é ser livre, é perder a função social de reprodutora e poder colher os frutos dos filhos já

criados. Algumas pesquisas revelam que grande parte das mulheres idosas, não asiladas, considera sua etapa atual de vida o momento mais tranquilo, feliz e livre que já tiveram. Essas mulheres falam em liberdade como se uma “liberdade de gênero” se sobrepujasse à condição geracional. No entanto, é importante ressaltar que essa sobreposição da questão de gênero sobre questão geracional não é encontrada entre as idosas da Casa.

CAPÍTULO 2

O ASILO

Capítulo 2

O Asilo

O Asilo como Instituição Total

Dentre os tipos de estabelecimentos sociais encontramos uma categoria específica, que é muito mais “fechada” do que as outras. Seu “fechamento” é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e pelas proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico. Estas seriam as Instituições Totais. Erving Goffman, que escreveu *Manicômios, prisões e conventos*, é quem possui o melhor conceito dessa categoria, sendo que para ele instituição total:

“(...)é um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada”. (Pág. 16)

Para ele, o interesse sociológico em estudar instituições totais reside no fato dela ser um híbrido social, parcialmente comunidade residencial e parcialmente organização formal.

Goffman dividiu as instituições totais em cinco espécies diferentes. A primeira seria o lugar para incapazes e inofensivos (Exemplos: asilos, orfanatos, etc.). A segunda seria o lugar para incapazes de cuidar de si mesmos e que são também uma ameaça à sociedade, embora de maneira não-intencional (Exemplos: leprosários,

sanatórios, etc.). A terceira são instituições estabelecidas com a intenção de realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho e que se justificam apenas através de tais fundamentos instrumentais (Exemplos: quartéis, navios, etc.). A quarta seriam os estabelecimentos destinados a servir de refúgio do mundo, embora muitas vezes sirvam como locais de instrução para os religiosos (Exemplos: mosteiros, conventos, etc.). E a quinta espécie de instituição total são os locais organizados para proteger a comunidade contra perigos intencionais e contra o bem estar das pessoas (Exemplos: cadeias, delegacias, etc.). A primeira espécie abrange o local onde realizei meu estudo: um asilo.

O objetivo das instituições totais é a reforma do internado na direção de um padrão ideal. Apesar de às vezes parecerem depósitos de internados, as instituições totais são organizações racionais, conscientemente planejadas como máquinas eficientes para atingir determinadas finalidades oficialmente confessadas e aprovadas. A contradição entre o que a instituição total faz e o que diz que faz é o contexto básico da atividade diária da equipe dirigente. Geralmente o grupo de dirigentes é formado a longo prazo e transmite tradições de uma pessoa para outra que venha a compor este quadro. Já o grupo de internados apresenta alto nível de mudança. Esta característica é facilmente percebida no discurso de D. Eni:

“As coisas aqui mudam muito. Olha só, desde que eu vim morar aqui, já morreram umas sete mulheres. Quando eu cheguei aqui tinha três homens, um morreu, agora tem só esses dois aí.”

A característica básica e comum a todos os tipos de instituição total é o controle de muitas necessidades humanas pela organização burocrática de grupos completos

de pessoas. Na sociedade aberta nós realizamos as diferentes tarefas da vida em esferas diferentes e com co-participantes diferentes. Nas instituições totais todos os aspectos da vida são realizados em um mesmo local e sob uma única autoridade. Todas as atividades diárias são realizadas na companhia imediata de um grupo relativamente grande de pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. É o que Goffman chama de “arregimentação”. Todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários e toda esta seqüência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e por um grupo de funcionários que compõe a equipe dirigente. Estas atividades são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição. Sobre a falta de autonomia D. Zezé diz:

“A pessoa que ta acostumada a viver livre, sem ter interferência de ninguém, nem de pai nem de mãe, que foi o meu caso, se vê amarrada. Aqui eu me sinto presa, sem liberdade. Porque a gente vai fazer um café, já vem alguém ‘ih, vai fazer um café?’, a gente vai fazer uma comida, não pode fazer a comida que tem vontade, tem que ser tudo na hora da Casa(...)”

As conseqüências disso têm relação com vigilância, trabalho e família. A vigilância pressupõe que haja uma relação de autoridade dos dirigentes em relação aos internados. Percebemos que a mobilidade é grosseiramente limitada e que os dirigentes controlam a comunicação entre os internos. Já o trabalho possui diferentes motivos para existir e guarda diferentes atitudes com relação a ele. Geralmente, por suas condições de existência, o sentido de Eu e de posse do internado pode tornar-se alienado em sua capacidade de trabalho e essa capacidade de trabalho também tende a tornar-se desmoralizada pelo sistema. A família entra em contraste com a realidade

vivida em um grupo previamente desconhecido. O fato de os dirigentes terem família fora da instituição é o que os mantém integrados à comunidade externa e possibilita escaparem da tendência dominadora da instituição.

Outra característica dos internos em instituição total é a perturbação na relação entre o ator e seus atos. Isso acontece, pois há uma espécie de mentira sempre presente, que é a noção de “circuito”, que para Goffman indica a impossibilidade que o internado tem de demonstrar sua má-aceitação ao que é imposto. É assim porque qualquer atividade e reação do interno são sujeitas ao julgamento da equipe diretora. As instituições totais profanam exatamente as atitudes que na sociedade ampla atestam a autonomia do indivíduo, como por exemplo comer, falar ou ir ao banheiro no horário que quiser.

O internado chega ao estabelecimento com uma série de concepções sobre si mesmo e as vai perdendo ao longo do tempo com a mortificação do Eu, a perda de sua personalidade. Os processos de mortificação nestas instituições totais são relativamente padronizados. Existem, por exemplo, os “processos de admissão”, que são todos os rituais legais de entrada porque passam os novos internos. Para serem aceitas na Casa as internas passam por uma catalogação, que contém informações como nome completo, idade, endereço do responsável, etc, bem como por uma série de exames médicos que atestem a ausência de qualquer doença infecto-contagiosa.

Outro processo de mortificação do Eu é a perda de identificação pessoal, a ausência de tratamento personalizado. Diferentemente de outros tipos de instituições totais, e até mesmo de outros asilos, a Casa não despersonaliza o idoso de uma forma óbvia, mas o faz, assim como a sociedade em geral, sutilmente. A rotina a ser cumprida aliena o internado de tal forma que ele não se sente mais dono de si. Horários fixos,

comida igual para todos e espaços determinados transformam esses idosos em uma massa homogênea sem, no entanto, agredir os olhos dos parentes. Desta forma fica mascarado o tratamento indigno dispensado aos idosos asilados. Este tratamento acentua o sentimento de abandono e inutilidade que a internação em uma instituição, por si só, provoca.

A questão dos horários, por exemplo, mostra o objetivo que a instituição tem de omitir certos aspectos “mal-vistos” pela sociedade em geral. Os funcionários, quando questionados a respeito da rigidez do horário, disseram que: *“aqui não tem horário fixo demais. Pode acordar a hora que quiser, mas tem que ver que o café é às 7h00, se não aparecer a gente tem que tirar a mesa”*. Outro exemplo aconteceu durante uma festa que organizei na Casa. Chegamos lá as 14h30 e a funcionária responsável pediu para que esperássemos até as 15h00 para iniciar a festa, porque eles tinham que lanchar primeiro (note que havíamos levado muita comida para lá). Não obstante termos que começar a festa mais tarde, a mesma funcionária me pediu para que fossemos embora às 17h30, porque começaria o turno de outra pessoa e *“podia dar problema”*.

Também é possível notar que a instituição total provoca no internado um tipo característico de preocupação consigo mesmo. A baixa posição que adquirem, quando comparada à que tinham no mundo externo, cria um sentimento de fracasso pessoal. Goffman (1961) afirma que, como resposta a isso, o internado tende a criar uma história que conta constantemente para justificar sua baixa posição atual. No asilo percebe-se, no entanto, que esse “conto triste”, onde falam sobre seus filhos e parentes, é utilizado antes para se humanizar, mostrando que já fizeram parte do mundo exterior, do que para justificar seu estado atual.

Dona Jú, por exemplo, uma senhora de 92 anos que já tem sua saúde bastante abalada, fala constantemente de seu filho, um promotor que mora no Lago Sul. Suas histórias não possuem uma linha de raciocínio e várias vezes cruzam o limite entre o real e o fantasioso, no entanto ela sempre conta que:

“Quando eu era nova adotei um menininho, ele era lindo, cuidei dele, dei banho, levei pra escola, lavava roupa pra fora pra ele ir pra escola. Eu trabalhei muito na minha vida. Fiz muita coisa fora daqui. (...) Hoje meu filho é promotor, luta contra os bandidos, mora no lago sul, casou e tem um bebê. Não sei porque ele me pôs aqui. Mas ele é muito rico, inteligente, mora numa casona. Um dia ele me busca (...)”

Uma tentativa de reorganização do Eu, e uma das mais visíveis na instituição total já que é esperada e usufruída pela equipe dirigente e pelos internos, são os processos de confraternização, como festas, por exemplo. Para a manutenção desse sistema, Goffman explica que se faz necessário a criação de um conjunto de práticas institucionalizadas que mantêm juntos e solidários os internados e a equipe dirigente, para aliviar a tensão existente entre estes dois grupos antagônicos presentes numa instituição total. Tais oportunidades tem o papel de suavizar a cadeia usual de ordens e liberar, momentaneamente, os indivíduos de seus papéis estabelecidos. Elas são periodicizadas, espaçadas e causam alguma excitação social. Podemos fazer aqui um paralelo com o texto *Rituais de rebelião no sudeste da África*, de Max Gluckman. Os rituais de rebelião seriam rituais periódicos, cíclicos, que invertem os papéis sociais dos Zulus. Eles seguem esquemas tradicionalmente estabelecidos e sagrados, onde é questionada a distribuição particular de poder entre os indivíduos desta sociedade. Seriam protestos institucionalizados, aparentemente contra uma ordem estabelecida, mas que pretende abençoar tal ordem. Por meio dos rituais de rebelião há uma catarse

coletiva, que ao fim reforça a posição hierárquica existente entre os indivíduos da sociedade e a estrutura da mesma. Estes rituais seriam suficientes para a realização de sua função, que é revigorar o sistema já existente e manter a hierarquia, pelo fato de serem estas sociedades, do ponto de vista de Gluckman, estacionárias.

Segundo Goffman, existe entre os internados das instituições totais um sentimento de que o tempo passado no estabelecimento é um tempo tirado da sua vida. Esse sentimento de tempo morto pode explicar o alto valor dado, pelos internados, às atividades de distração, que os fazem esquecer momentaneamente da sua situação real. Nos asilos pode-se perceber que qualquer tipo de visita torna o dia menos sofrido, e mesmo atividades rotineiras podem fazer esse papel. Na Casa, por exemplo, os moradores recebem cinco refeições diárias e, a despeito das funções nutricionais, essas refeições servem como uma distração, uma quebra da rotina, embora parte fundamental dela.

Nas visitas que fiz e nas festas que realizei dentro da Casa os idosos internados se mostraram muito mais receptivos e felizes do que no dia-a-dia. Dona Vanda, por exemplo, disse: *“nesses dias, que você vem aqui e trás seus amigos, a gente até esquece que tá nesse lugar, parece que a gente tá viva de novo, ver que tem gente que ainda gosta de nós é uma felicidade só”*. Já Dona Ida disse: *“eu fico cansada depois, né? Mas fico muito feliz”*.

Outra questão muito interessante que Goffman coloca em relação à reação dos internos de uma instituição total é a existência de táticas de adaptação do internado. Elas podem ser de seis tipos. O primeiro tipo de reação é o afastamento da situação, onde o internado deixa de dar atenção a tudo o que acontece à sua volta, com exceção do que ocorre ao seu corpo. Este tipo de reação é o mais encontrado no asilo,

principalmente pelo fato de que a velhice, na maioria das vezes, traz consigo, seja por uma questão física ou social, um interioramento, tornando o idoso cada vez mais ensimesmado. O segundo tipo é a tática de intransigência, onde o internado intencionalmente desafia a instituição ao negar-se a cooperar. O terceiro tipo é a colonização, onde a experiência ruim no mundo externo é colocada como referência para mostrar como a vida na instituição é boa. Podemos ver isso claramente na Casa. Os idosos, por já terem sido rejeitados e mal-tratados por suas famílias, acreditam que fora do asilo passarão por muitos sofrimentos, e então passam a acreditar que viver fora da Casa é muito pior. Segundo Goffman, se a equipe dirigente aumentar muito a satisfação dos internos em estarem internados, pode estar contribuindo para a colonização.

“Lá na casa do meu filho eu já não me sentia com muita liberdade. Aí eu pedi ‘já que vocês não se dão comigo, arranja um lugar pra mim ir, um asilo de velho’. Aí meu filho disse ‘você não sabe o que é aquilo lá’. Aí eu disse ‘eu agüento vocês aqui, como é que não vou agüentar lá?’. Mas é diferente, eu sei que é diferente, mas quer saber? Eu vivo melhor aqui, porque aqui não tem ninguém achando que eu to desmanchando o trabalho da casa, que eu sou... realmente eu sou meio desarrumada, eu arrumo e desarrumo, mas é normal, né?! Por isso que eu acho que aqui eu to melhor”. Dona Zezé

O quarto tipo de reorganização do Eu é chamado de conversão, onde o internado assume o papel do interno perfeito ao aceitar a interpretação oficial da equipe dirigente. O quinto tipo de reação é a tendência a “se virar”, onde o interno passa a agir conforme a situação, dar uma de João sem braço. O sexto e último tipo de adaptação descrito por Goffman é a imunização, onde o interno coloca que sua vida na sociedade ampla era tão ruim, que nem “sente” as coisas ruins de estar internado. Há uma sensação de alívio por parte deste. É importante salientar que um mesmo interno pode

passar por vários tipos de reorganização do Eu no decorrer de seu internamento.

Outro fato que ocorre em instituições totais e que é interessante verificar é a prática de abrir os portões da instituição aos parentes dos internados, à comunidade em geral e para os superiores hierárquicos da equipe dirigente. Geralmente, abrir as portas para os superiores hierárquicos tem a finalidade de mostrar o quão a instituição está funcionando bem. Desta forma, é necessário que a imagem a ser passada seja boa. Assim como é necessário que essa boa imagem, de salubridade, confiança, conforto, humanidade, também tenha crédito com a comunidade em geral e com os familiares do interno. Dessa forma, a estrutura física da instituição é preparada para isso. Há a existência de murais pintados e fotografias das atividades de distração bem visíveis para manter essa boa imagem aos visitantes que chegam ao local. E há ainda a sala de visitas, que é tida como um lugar importante, porque é este local que vai receber os “de fora”.

Pode-se questionar que a Casa não se encaixa na definição de instituição total pelo fato de não impedir a saída de seus internados. No entanto, Goffman afirma que para uma instituição ser assim caracterizada deve possuir a maioria dessas características e não necessariamente todas elas. Ademais, percebe-se que embora não exista uma regra fixa sobre a impossibilidade de saída dos internados da Casa estes são coagidos, não física, mas psicologicamente, a não deixarem o asilo, o que, na minha opinião, caracteriza o fechamento da instituição. A coação psicológica é feita, principalmente, convencendo o idoso de que fora da Casa não é seguro para ele, que ele pode se perder ou se machucar saindo sozinho, isso faz com que o idoso fique com medo de deixar a Pousada. Vale lembrar também que Goffman, ao definir uma prisão como instituição total, leva em conta os prisioneiros em liberdade condicional que, na

minha opinião, se assemelha com a situação desses idosos. D. Zezé e D. Eni, sobre a possibilidade de saídas eventuais da Casa, afirmam:

“De vez enquanto eu tenho vontade de sair daqui, de passear, mas eu não tenho condições, as pernas não me ajudam, eu to quase paralisada, eu tenho medo que se continuar desse jeito eu vou ficar parálitica. Mas mesmo se eu quisesse sair por minha conta, eles aqui não deixam, só deixam se meu filho vier aqui me buscar”.

“Mas eu não saio aqui da Casa, só quando meus filhos vêm me pegar. Eu não posso ficar saindo por causa da Conceição, né?! Mesmo que eu quisesse ficar saindo, assim, ir nas casas das minhas irmãs, não dá porque eu já saio no domingo, né?! Mas só depois do meio dia. Mas eu tenho vontade de sair pra dar um passeio, é tão bom a gente sair de dentro, né?! Eu não saio por causa dela, né?! Mas eu tenho medo de sair sozinha, porque eu não conheço nada aqui na asa norte, nada, nada. Aí eu tenho medo de sair e me perder, né?! Mas se eu pedir pra sair sozinha daqui eu não sei se eles deixam, porque eu nunca pedi, e ninguém nunca sai”.

Neste momento se faz necessário ponderar sobre uma situação peculiar da Casa que será melhor explorada no próximo capítulo: a existência de idosos que, apesar de morarem na Casa, ficam estabelecidos em apartamentos distantes do lugar reservado aos idosos, são os chamados “apartamentos externos”. A situação destes idosos externos é, sob todos os aspectos, diferente da situação dos idosos internos. Todas as características acima mencionadas que enquadram a Casa no conceito de instituição total formulada por Goffman não são válidas para os residentes nos quartos externos. Essas pessoas possuem total liberdade para transitar dentro e fora da Casa, recebem visitas sem o intermédio dos funcionários, possuem a chave de seus apartamentos e a autonomia de decidir quem lá pode entrar. Além disso, a maioria desses idosos externos possuem algum tipo de ofício dentro da Casa. Dona Ida e Seu Ivan, por exemplo, vendem coco para os freqüentadores da Casa e Dona Ana Maria é vendedora no bazar. Esses idosos, embora fazendo parte da instituição, não perderam suas

identidades, ao contrário, reforçaram-nas, ganhando mais autonomia e respeito por parte da sociedade. Posto isto, é possível afirmar que, a Casa se divide em duas instituições diferentes: a dos quartos internos e a dos quartos externos. A primeira possui um caráter fechado que apaga a identidade do idoso que foi, de alguma forma, coagido a estar ali e, por isso, leva a denominação de instituição total; a segunda possui ares de condomínio, sem nenhum fechamento e, não se caracterizando como instituição total, reforça a identidade daquele que optou por estar ali.

Sobre a Instituição Escolhida

A Casa em foco se localiza dentro de uma instituição não-governamental criada em Brasília em 1957. A oficialização da Casa aconteceu em 15 de outubro de 1963, e ela passou a desenvolver serviços de apoio e assistência social. A instituição não possui fins lucrativos e presta serviços à comunidade carente do Distrito Federal e entorno. A Casa tem por objetivo prestar atendimento de qualidade a pessoas em estado de vulnerabilidade social e/ou econômica. Ela promove o atendimento à comunidade carente no que tange a maternidade, infância, deficiência e velhice.

O Estatuto da Casa afirma como um dos seus objetivos oferecer aos idosos uma vida digna. Para que o idoso possa ingressar na Casa deve obedecer a alguns critérios: deve ter mais de 60 anos; precisa ser autônomo e desenvolver suas atividades de higiene sem a dependência de outra pessoa; não pode ser portador de doença infecto-contagiosa ou doença grave; deve ter alguém de fora da Casa (parente ou não) que se responsabilize por ele 24h por dia; tem de ter uma condição sócio-econômica que

permita adquirir seus medicamentos e contribuir mensalmente; e deve apresentar atestado médico atualizado. Apesar disso, residem na Pousada indivíduos com menos de 60 anos, alguns com doenças degenerativas e diversas condições médicas que cerceiam sua autonomia, bem como idosos carentes que não possuem renda.

O terreno utilizado pela Casa é de 6.148,41 m² e toda a área destinada aos idosos internados é de 672,82 m². O restante do terreno é ocupado por áreas verdes, pelo Complexo Administrativo, pela Odontoclínica, Policlínica, Complexo Educacional e pelo Núcleo de Cultura, todos administrados pela Casa. Existem também instituições privadas que alugam o espaço, como uma Academia de Esportes e um Curso de Línguas.

Devido à existência da academia e dos cursos de línguas, principalmente, a Casa é um lugar predominantemente jovem. A comunidade assim a reconhece porque o grande público da Casa é jovem e os eventos realizados em suas instalações são predominantemente voltados às crianças e aos adolescentes. Essa miscigenação de gerações poderia ser encarada como um fator positivo, tanto para o trabalho de reinserção do velho na sociedade como para a conscientização da população sobre a situação dos idosos no país. A existência do asilo, no entanto, não é mencionada nem por profissionais que trabalham na Casa, nem por placas sinalizadoras ou de identificação. Pelo contrário, parece haver uma “conspiração do silêncio” sobre esta face da Casa. Os frequentadores da Casa, em sua maioria, não possuem conhecimento da existência do asilo e muito menos são convidados a refletir sobre os aspectos do envelhecimento. Esse silêncio em torno dos idosos residentes foi justificado pela Assistente Social como uma forma de manter um “clima familiar” no

asilo, no entanto, os idosos parecem sentir sua liberdade tolhida, como se fossem obrigados a se esconder.

A área destinada aos idosos conta com uma estrutura razoável. O prédio onde residem os internados é de 390 m² e compreende um Salão de Estar, com uma televisão em cores, sofás e um espaço para os eventuais cultos religiosos; Sala de Enfermagem para pequenos curativos; um refeitório, uma sala de visitas e uma cozinha. Os idosos são dispostos em quartos individuais (internos ou externos), duplos, triplos ou quádruplos, com um banheiro em cada e armários individuais. Nos quartos individuais os idosos têm liberdade para colocar o que quiserem e arrumar da forma que acharem melhor. Nos quartos coletivos, em geral, existe uma cama (que pode ou não ser trazida pelo interno), um armário e um criado-mudo. Sob este criado ficam algumas coisas do dia-a-dia: remédios, água e objetos pessoais como vasos de flor, caixas e eventualmente porta-retratos. Foi possível notar que a maioria dos idosos internados prefere guardar as fotos de parentes e seus pertences mais importantes nas gavetas dos armários, provavelmente isso se deve à representação do asilo e dos velhos asilados como sujos e essa seria uma forma de evitar o contágio do seu “estojo de identidade” que, segundo Goffman, se trata de um lugar onde se guardam os objetos considerados importantes para a definição da identidade.

A estrutura da Casa encontra-se em conformidade com o exigido no Estatuto do Idoso, no entanto, a maioria dos quartos externos à Pousada foi fechada no início do ano de 2004 pela vigilância sanitária. Os quartos externos não estão ligados fisicamente ao local destinado aos idosos. São pequenos apartamentos com sala, quarto, cozinha e banheiro que se encontram espalhados pelo terreno da Casa. Esses quartos comportam mais de uma pessoa, mas, em geral, é habitado por apenas uma.

Como dito anteriormente, foi possível perceber que os idosos instalados nos quartos externos possuem mais autonomia em todos os aspectos de sua vida, recebendo inclusive um tratamento mais igualitário por parte dos dirigentes, que os tratam como inquilinos, com o mesmo grau de respeito que se tratavam, por exemplo, ao passo que os idosos internos são tratados como inferiores. Os velhos externos sentem-se, por isso, em posição de superioridade em relação aos idosos dos quartos internos. Fato importante é que os residentes externos não possuem, necessariamente, melhores condições financeiras do que os internos, e diferentemente da experiência de Gusmão (1977), na Casa a superioridade se dá por uma condição mais de autonomia do que monetária. Quando questionada sobre os critérios para a distribuição dos quartos externos, a assistente social não soube explicar. No entanto, foi possível perceber que todos os idosos instalados nos quartos externos eram saudáveis e não dependiam dos funcionários da Casa em nenhum aspecto. Os idosos externos, quando questionados do motivo que os levou à Casa responderam, unanimemente, que estavam lá porque em *“nenhum outro lugar conseguiriam alugar um apartamento tão barato e ainda com uma enfermaria tão perto”*.

O quadro de funcionários é composto por uma assistente social, dois auxiliares de enfermagem, dois atendentes para o período noturno e três funcionários para serviços gerais. Não existe nenhum tipo de reciclagem dos recursos humanos na Casa. Nenhum desses profissionais que trabalham na Casa recebeu qualquer tipo de preparo para lidar com os idosos, bem como os que trabalham na academia, no curso de línguas, etc. Esta realidade contribui para que a maioria dos velhos da Casa, embora tenham direito a fazer cursos gratuitos, não participe das atividades, já que não são estimulados por estes profissionais a manter uma vida ativa.

Encontravam-se internados na Casa, na época da pesquisa, 22 senhoras e 2 senhores, com idades entre 58 e 94 anos. Dentre todos, apenas 2 não são aposentados ou pensionistas, porém, ambos contribuem para a Casa com uma quantia de R\$ 412 mensais, paga por seus familiares ou, no caso de Dona Eni, por exemplo, por ela mesmo. O critério para a decisão do montante a ser pago pela estada na Casa é totalmente subjetivo. Segundo dados fornecidos por uma das Assistentes Sociais existem internos que possuem renda e ocupam vaga de carentes, bem como aqueles que não possuem renda fixa e têm de pagar para estar na Casa. São levados em consideração, para tal decisão, principalmente, o tipo de quarto que o idoso irá ficar e a sua condição financeira ou a de seu responsável. Deve-se mencionar que as famílias dos idosos da Casa, em sua grande maioria, possuem boas condições financeiras e a internação desses velhos numa instituição pública vai de encontro ao disposto no Estatuto do Idoso que dispõe sobre a priorização do atendimento ao idoso por sua própria família, em detrimento do atendimento asilar, exceto dos que não a possuam ou careçam de condições de manutenção da própria sobrevivência. A Assistente Social da Casa afirma que os parentes internam os idosos para se “livrar do problema” e, por isso, ao se enxergarem como um estorvo para a família, esses velhos, acabam preferindo continuar no asilo. Sentem-se, como disse Gusmão (1977), numa “sala de espera da morte”.

Segundo o Estatuto do Idoso, para a instituição estar apta a acolher os velhos, os seguintes requisitos devem ser respeitados: instalações físicas em condições adequadas de habitabilidade, higiene, salubridade e segurança; preservação dos vínculos familiares; atendimento personalizado e em pequenos grupos; participação do idoso nas atividades comunitárias de caráter interno e externo; fornecimento de

vestuário adequado e alimentação suficiente; acomodações apropriadas para recebimento de visitas; cuidados à saúde; promoção de atividades educacionais, esportivas, culturais e de lazer; realizar o estudo social e pessoal de cada caso.

Em qualquer entidade de longa permanência é fácil a percepção do desrespeito a essa lei. A Casa, em específico, cumpre parte de todos os requisitos, mas deixa de realizar ações fundamentais para a manutenção da qualidade de vida dos idosos. A principal delas é o incentivo à participação dos internados em atividades comunitárias de caráter interno e externo. A maioria dos internos só sai da Casa quando ficam doentes e, por isso, acabam por associar qualquer saída a acontecimentos negativos. Ao mesmo tempo não se sentem seguros em participar dos eventos promovidos dentro da Casa, pois se percebem muito velhos e frágeis, sem condições de interagir com pessoas mais jovens, ou até mesmo com idosos não internados. Como dito anteriormente, a Casa oferece aos seus idosos bolsas em todos os cursos ministrados em suas dependências, bem como na academia, no entanto, a participação por parte deles é mínima. Atividades culturais e educacionais praticamente inexistem na Pousada, salvo por raras iniciativas da comunidade. Dois exemplos opostos são de Dona Mariinha e Dona Eni:

“Eu queria muito dar uma saidinha, mesmo que fosse pra fora aqui da casa, pra vê as pessoas que passam aí. Mas tô muito velha, quase não enxergo e minhas pernas tão fracas, tenho medo de cair e me machucar. (...) se tivesse alguém pra me levar eu ia, ia mesmo, dar uma voltinha, pegar um sol, ia ser bom. (...) não, tô muito velha pra aprender essas coisas de outra língua, quase não falo mais a minha (risos)”. Dona Mariinha.

“Eu acho que to envelhecendo, mas não me sinto velha. Mas quando eu vim pra cá eu fiquei me sentindo... quando eu vim pra cá eu já tava com osteoporose, com dor, mas agora eu não to sentindo, porque eu faço ginástica ali na piscina três vezes por semana. Eu não pago nada, eu ganhei uma bolsa.

E depois da ginástica eu venho melhorando da osteoporose, eu to bem melhor, bem melhor com a ginástica. Mas hoje eu não fui por causa de ta gripada demais. A água da piscina é morninha, mas a gente sai pega aquele vento gelado, né?!". Dona Eni.

A rotina dos idosos da Pousada é baseada em suas necessidades primárias. Salvo para as cinco refeições, que possuem horários relativamente rígidos (7h, 11:30h, 14:30, 17h e 20h), o restante das atividades possui, na teoria, uma flexibilidade no horário na sua realização com o objetivo de respeitar a individualidade do internado. No entanto, os horários de entrada e saída dos funcionários impõem, embora não exista um horário fixo, uma tolerância pequena para a realização de atividades como o banho e descanso, bem como atividades de lazer como assistir televisão e caminhar pela Casa.

CAPÍTULO 3

AS INTERNADAS

Capítulo 3

As Internadas

Histórias de Vida

Dona Eni

“Eu nasci na cidade de Canápolis, interior de Minas, mas eu fui criada no Goiás, na roça, perto de Cachoeira Dourada. Eu gostava de morar lá. Fui pra lá com meus pais, que mexiam com lavoura. Daí eu vim pra Brasília e casei aqui e vivo aqui até hoje. Não tenho vontade de mudar daqui pra lugar nenhum. Eu vim em 59, no começo de Brasília, eu tinha 16 anos. Já casei aqui. Eu já tenho filho de 44 anos nascido aqui. Você conhece Taguatinga? Meus meninos nasceram todos em Taguatinga. Os meus pais vieram pra mudar mesmo. Compraram lote lá em Taguatinga. Mas eles já morreram, todos os dois. Morreram de pneumonia. Quer dizer, mamãe sofreu um derrame e meu pai de pneumonia. Faz uns quatro anos. Quando eu vim pra cá, fazia pouco tempo que eles tinham morrido, quando eu vim aqui pra Casa do Ceará. Eu tinha 60 anos. Meu aniversário é dia 17 de maio de 1943. Já vou fazer 65 anos. Parece? Que não parece! Eu to tão... envelhecendo demais. Como era com meus pais na roça? Eu trabalhava, ajudava em casa. Mamãe costurava pra fora, e eu e a minha outra irmã cuidava em casa, fazia comida, lavava vasilha. Que cuidava da casa eu só eu e ela, mas nós era seis irmãos, mas meu pai era casado duas vezes. Era viúvo, aí casou com mamãe e eu nasci.

Os meus irmãos tão todos vivos, agora meus pais morreram. Há pouco tempo... pra mim faz pouco tempo, né? Uma irmã mora em Florianópolis e os outros tudo moram aqui em Brasília. Um em Taguatinga, outro aqui na Asa Norte. Quando eu morava na roça eu estudava. Estudava em escolinha de roça. Estudei até o terceiro ano do primário. Se eu tinha vontade de formar? Ah, eu tinha vontade só pra ir morar na cidade. Aí quando eu mudei pra cidade eu já tava arrumando pra casar aí parei de estudar. Eu casei com 17 anos e foi porque quis.

Eu lembro muito da infância, do que nós fazia, do lugar... eu gostava de fazer muita coisa em casa e caminhar na roça. Eu não tinha muito amigo, só coleguinha. Mas eles moravam muito longe. Esses lugares onde as pessoas moram longe. Num tinha muita amizade com eles porque a gente só encontrava na escola, os colegas, né? Mas ir na casa do outro nós num ia, porque era longe e nós ia a pé, né? Mas eu gostei de mudar pra cá, porque eu queria mudar pra cidade. Eu tinha 16 anos. Você lembra da vida em Taguatinga? Em 59 não tinha nada, num tinha água, num tinha luz, num tinha casa, tudo era barraco. E eu morava lá. Depois papai ganhou um lote, daí construiu um barraco melhor. Aí nós fomos morar num barraco melhor. Porque no primeiro barraco que nós morava a chuva batia em cima e caía embaixo. Morava todo mundo junto, nenhum era casado.

Eu casei primeiro, depois uma irmã casou, depois a outra casou. Tinha três irmãs e um irmão. E aí foi casando aos poucos e casou todo mundo. Quando eu vim pra Brasília eu já conhecia meu marido, já conhecia ele. Eu conheci ele em Cachoeira Dourada, aí nós namoramos, aí eu vim pra cá e ele já tava trabalhando aqui, aí nós firmo casamento e casou. Mamãe não queria que nós casasse, que eu era muito nova, né? Mas nós casamos e fomos morar em Taguatinga mesmo, nos fundo da casa da

minha mãe. Eu tive filho com 20 anos. Com 20 tive o primeiro filho, com 25 tive o segundo, com 30 tive outro e a Tati eu tive com 35.é, de 4 em 4 anos eu criava. Eu não tenho mais quatro filhos. Tenho três, porque um já morreu. Morreu quando eu vim pra cá (pra Casa). Eles falam que ele morreu de pneumonia, mas eu não sei se foi, porque ele tava trabalhando em São Paulo, aí eu não tava vendo ele, não tive como saber. Eu fiquei muito triste. Foi muito próximo um do outro, meu pai, minha mãe e meu filho. Mas vamos falar de coisa melhor.

Se eu ia em festas? la nada. Minha mãe não deixava e depois que eu casei quase não ia porque ele não era muito gostador de festa, nem eu... ficava mais era em casa. Quando a gente é nova as pessoas olham pra gente, acham que é uma mulher bonita, mas eu não achava que era bonita não. E hoje em dia também não acho. Mas eu passei minha adolescência toda com meu marido. E a coisa mais legal que eu lembro é a casa da gente, as coisas, poder cuidar das coisas, fazer as coisas do nosso jeito. Eu só trabalhava em casa, nunca trabalhei fora. Eu tinha vontade, assim, pra mim ganhar meu dinheiro, pra ajudar em casa, mas deixar menino em casa pra ir trabalhar eu nunca deixei. Eu não confiava que os outros cuidavam direito então pra mim era duas preocupação: uma de trabalhar fora e outra de deixar os meninos em casa, né? E mamãe não tinha tempo de cuidar, aí eu nunca trabalhei fora.

O meu marido trabalhava em firma, de empreiteiro. Ganhava mais ou menos, ganhava pouco. Naquele tempo, tinha o serviço mas não ganhava muito não. Ganhava assim, melhor do que os outros porque tem gente que trabalha em firma e ganha menos. Mas dava pra sustentar a casa. Nunca faltou nada. Como foi quando eu fiquei grávida pela primeira vez? Ah, não senti mal nenhum. Fiquei bem na gravidez, aceitei a gravidez. Quando eu descobri que tava grávida eu fiquei satisfeita, né? Porque eu

queria criar um filho. Meu marido também ficou feliz. Ele ta vivo até hoje, mas nós não tamos separados. Quer dizer, tamos separados assim, porque eu to pra cá e ele ta pra lá, mas até que o meu filho arranja um lugar pra mim morar... porque eu vim pra cá porque eu fiquei sem lugar de morar, né? É que eles venderam a casa e eu fiquei sem lugar de morar. Aí eu falei, vou ficar aqui até eu ter um lugar de morar, quando eu tiver um lugar de morar eu volto. Aí eu vim tomar uns remédios aqui, aí papai tinha morrido, e mamãe também tinha morrido, eu fiquei assim, um pouco abatida. Aí eu achei melhor ficar aqui, pra mim ficar mais descansada, tomar remédio.

Quando meu pai e minha me faleceram eu morava com meu marido. Só nós dois, porque meus filhos já tinham casado. Aí eu pensei em vir pra cá porque eu tava muito atacada de bronquite, e em casa a gente tem que ta mexendo com água, lava uma coisa, lava outra, e nunca que a gente fica de repouso em casa pra tomar remédio, né? E essas doenças de bronquite e tudo com o ar frio é a pior coisa, mexer com água, ou ficar com a roupa molhada no corpo. Aí eu vim aqui passear, porque minha irmã Benedita tava aqui, aí eu vim aqui passear e gostei daqui. Aí eu falei, eu vou ficar morando aqui uns tempos. Porque eu tava morando na casa do meu irmão, tomando remédio, na asa norte. E o lugar onde eu morava ficava longe, era lá no Jardim Ingá. Aí eu vim aqui e achei melhor eu ficar por aqui, por causa da casa maior e tudo. Porque lá eles eram muito bom pra mim, mas o apartamento pequeno, casa que tem moça, tem rapaz, ainda mais eu ali.

Eu achei bom vir pra cá. Eu sentia que incomodava porque a gente ta na casa dos outros, e eu morei lá um ano. Aí eu achei bom vir pra cá porque aí fica mais... e eu também tinha que fazer cirurgia na vista e aqui ficava mais perto pra mim ir e tudo, eu tinha que consultar, tomar remédio... e o meu marido mora em Taguatinga. Mora na

casa do meu filho. Eu tenho vontade de ir pra lá. Eu vou pra lá, daqui a pouco tempo eu vou. Porque foi assim, ele comprou lá e eu falei assim... porque você sabe, né? Eu cuido da Conceição. Aí eu disse, eu vou ficando aqui um pouco aí a hora que me der vontade de ir eu vou. Aí eu deixo alguém cuidando da Conceição. É... tudo isso tem que arrumar. Até hoje eu tomo remédio pra gripe. E quando eu fico gripada vem essa tosse. Vem tosse, vem catarro seco, da bronquite, né?

Quando eu vim morar aqui o meu marido ainda morava comigo, aí ele ficou lá no Ingá. Aí ele vendeu lá no Ingá e foi pra Taguatinga. Ele também anda muito doente, também tem que tratar, tem que ficar de repouso. Ele tem problema de diabetes. Aí eu fui ficando por aqui, e fui ficando e já acostumei, né? Mas eu falei, a hora que me der vontade de ir embora, eu vou. Mas eu não sinto muita falta do marido não. Já acostumei. Ele de vez enquanto vem aqui. Ontem mesmo ele veio aqui. Os meus filhos também vem. No domingo eles vêm me buscar. Todo domingo. Aí a tarde ele vem me trazer. As vezes eu encontro os três, as vezes encontro só um. Mas eu to bem aqui.

O problema é que eu não tenho aposentadoria, e eu pago pra morar aqui. E sou eu que pago. Eu pago porque eu cuido da Conceição (outra idosa residente na Pousada). A filha dele me paga pra cuidar dela. Aí eu pago pra Casa, pra mim morar. Mas aí quando eu falar que vou embora, aí... mas aí eu penso que esse dinheiro que eu ganho da Conceição ajuda muito, porque aí eu pago a Casa, eu ajudo a minha filha que tem três meninos pequenos. Uma hora ela ta empregada, outra hora não tá. E eu ajudo ela, aí tem hora que eu penso, se eu sair daqui ela vai sentir falta desse dinheirinho que eu dou pra ela. Todo mês eu dou. Aí eu vou ficando aqui até controlar as coisas melhor, assim, a situação melhor dos filhos, e daí eu vou, eu saio daqui. Mas eu preciso ver direitinho essa coisa da aposentadoria, né?! Porque eu tomo remédio, eu tenho

problema também de osteoporose, que eu fiz os exames e deu esse problema, aí eu to tomando remédio, né?! Isso tudo é problema que a pessoa tem que cuidar, tem que comprar remédio. Aí se eles dão aqui pros idosos, tinha que ser pra todos, porque todos precisam de remédio, as vezes não podem trabalhar. Você vê, eu trabalho assim, cuidando da Conceição, mas se eu tivesse que sair todo dia pra trabalhar, a idade já não é mais o suficiente, nem fichada a gente não trabalha mais, na minha idade não trabalha mais fichada. Isso tudo é coisa que... as idosas tem o direito da aposentadoria, né?! Assim, eu nunca paguei o INSS, mas porque eu nunca trabalhei fora, só em casa.

Aqui eu cuido da Conceição, e eu gosto... já acostumei a cuidar dela. Não é bom... porque a pessoa que for cuidar dela a primeira vez... é um pouco... mas eu já acostumei a cuidar da Conceição. Eu durmo no mesmo quarto, ela me chama a noite pra levar ela no banheiro, aí eu levanto, senão ela faz xixi nas calças, né?! Uma hora dessas assim, eu já vou providenciar o banho dela. Ela toma banho, eu troco a roupa dela, eu que visto, eu que tiro, porque ela não dá conta mais não. Eu ponho ela na cadeira de banho e passo a sabão e o shampoo nela, aí ela esfrega o corpo, ela esfrega tudo, porque ela sabe fazer isso. Aí depois disso eu enxugo ela, visto roupa, depois ela vai dormir ou vem ver televisão e assim vai o dia todo. Eu fico por conta dela o dia todo. Mas eu acho bom ter uma ocupação. Porque é um serviço que todo dia você tem ele pra fazer, aí ocupa a menta, a gente distrai um pouco, porque ficar quietinha, quietinha é ruim demais, parece que o tempo não passa...

Se eu me acho velha? Ah... tem dia que a gente ta mais abatida, né?! Mas assim, pela minha idade, eu não me acho velha. Mas já teve vez que eu me olhei no espelho e vi que tava envelhecendo. A gente vai envelhecendo não é só na presença não, é na idade mesmo. Os anos vão passando e a gente vai envelhecendo. Eu acho

que to envelhecendo, mas não me sinto velha. Mas quando eu vim pra cá eu fiquei me sentindo... quando eu vim pra cá eu já tava com osteoporose, com dor, mas agora eu não to sentido, porque eu faço ginástica ali na piscina três vezes por semana. Eu não pago nada, eu ganhei uma bolsa. E depois da ginástica eu venho melhorando da osteoporose, eu to bem melhor, bem melhor com a ginástica. Mas hoje eu não fui por causa de ta gripada demais. A água da piscina é morninha, mas a gente sai pega aquele vento gelado, né?! Olha, tem uma semana que eu to gripada, de ontem pra hoje que eu to melhor. Mas eu vivo gripada. Não posso tomar nem um pouquinho de chuva. Já fico com sinusite. Eu fico boa só no tempo de sol.

O que é uma pessoa velha pra mim? É uma pessoa cansada. Cansada de trabalhar, não agüenta mais pegar peso, eu acho que é isso. O velho é cansado, vai ficando cansado da cabeça aos pés, né?! Já trabalhou muito, já chega a idade de caducar. Conceição é caduca. Menina, é tão engraçado! Mas aqui na Casa a gente convive com tudo, né?! Tem velha aqui de 90, 92 anos, que se não tiver uma pessoa pra cuidar dela, do jeito que ela amanhece ela fica. Elas não pensam em tomar banho, elas não pensam em trocar roupa, elas não pensam nada disso, só se tiver uma pessoa pra fazer pra elas. E se perguntar: vamos tomar banho? Ela não quer. Tem que levar na força. Às vezes faz isso sem nem elas perceber. Porque se for chamar pra tomar banho elas falam que não quer. Mas se acostumar, não dá trabalho. Todo dia é a aquela coisa, aquela rotina pra fazer aquele serviço, aí elas acostumam. Se cuidar delas direitinho, elas acostumam e não dá trabalho, mas se deixar assim, largada, não toma banho, nem troca, nem nada. Mas eu acho bom conviver assim, com esse tanto de gente. Eu não sinto mal aqui não. Não tenho problema com ninguém aqui, do jeito que começou eu vou até hoje. Nem eu tenho briga com elas, nem elas comigo, e nem elas

umas com as outras. Elas não brigam, porque tem lugar assim, que o povo briga, bate, mas aqui não tem isso não. Aqui é tranqüilo. Se você fala com elas que não pode fazer tal coisa, elas obedecem. Eu acho que a pessoa vai ficando velha vai voltando a ser criança. Precisa de alguém pra cuidar dela, tem um monte de coisa que já não dá conta de fazer sozinha... eu falei com a Conceição: Conceição, você virou criança outra vez! Aí ela achou graça.

A Conceição é muito educada. Aí eu cuido dela, a filha dela me paga pra eu cuidar dela. Muito boa a filha dela. Vem aqui, traz as coisas pra Conceição, não falta nada. Pra mim também não falta nada, porque o que a Casa não fornece, eu compro aqui na lanchonete, se quiser comer um lanchinho diferente, às vezes um cafezinho... Mas eu não saio aqui da Casa, só quando meus filhos vêm me pegar. Eu não posso ficar saindo por causa da Conceição, né?! Mesmo que eu quisesse ficar saindo, assim, ir nas casas das minhas irmãs, não dá porque eu já saio no domingo, né?! Mas só depois do meio dia. Mas eu tenho vontade de sair pra dar um passeio, é tão bom a gente sair de dentro, né?! Eu não saio por causa dela, né?! Mas eu tenho medo de sair sozinha, porque eu não conheço nada aqui na asa norte, nada, nada. Aí eu tenho medo de sair e me perder, né?! Mas se eu pedir pra sair sozinha daqui eu não sei se eles deixam, porque eu nunca pedi, e ninguém nunca sai.

As coisas aqui mudam muito. Olha só, desde que eu vim morar aqui, já morreram umas 7. Quando eu cheguei tinha 3 homens, um morreu, agora tem só esses dois aí. Mas igual eu tava falando, as pessoas vão envelhecendo, os anos passa que a gente não vê, a gente só percebe nas outras pessoas, que elas tão envelhecendo. A gente percebe nos outros, que eles tão envelhecendo, mas não percebe quantos anos já se passou. Às vezes já passou quatro anos, já passou cinco e a pessoa distraída

nem percebe que passou. Aí pensa: eles eram mais novo, né?! Mas tão ficando velho. Você vê, já tem 4 anos que eu to aqui... mas fui eu que decidi vir pra cá. Quando eu falei que vinha pra cá, ninguém falou nada, né?! Porque eu tava morando na casa do um irmão, apartamento pequeno, a gente sempre acha que ta incomodando. Aí eu peguei e achei melhor aqui. E os meus filhos não me chamaram pra ir morar com eles porque eles também moravam em apartamento pequeno. Mas agora um deles comprou uma casa, mas com uma residência no fundo, aí é pra lá que eu to pensando em ir, qualquer dia que eu pensar que to querendo ir eu vou falar com meus filhos. Eu pretendo ficar aqui até maio, porque aí eu faço 65 anos e talvez consiga aposentar, né?! Mas não sei se consigo aposentar. Eu, na minha maneira de pensar, eu já era pra estar aposentada. O que poderia acontecer pra melhorar minha vida? Ah... aqui, do jeito que é aqui eu to satisfeita, e em casa também, se eu tiver o lugar de eu ficar, de colocar as minhas coisas, ninguém me aborrecer... mas eu não sei se eu ia ser mais feliz na casa dos meus filhos porque eu nunca morei na casa de filho. Mas pra saber, eu tenho que testar, né?!”

Dona Zezé

“Eu nasci no estado de Alagoas. Eu nasci dia 29 de novembro de 1929. Eu tenho uma amiga que é de 24, mas ela já morreu. Ela era muito rica. Eu morei com meus pais até os 10 anos. Depois dos 10 anos eu fui morar com a minha madrinha, porque meus pais foram prum lugar chamado Arapiraca, que hoje ta bem, evoluiu bastante. Meu pai mudou por causa de trabalho e minha mãe foi junto. Meu pai falava que não dava pra criar os três filhos. Ele foi também muito castigado. Ele era filho de índio, eu sou neta de índio. Aí ele chamou o padrinho e a madrinha e perguntou se eles queriam ficar comigo.

Então eu fui quando eu tinha 10 anos, e aí minha vida foi rodando. Depois eles vieram fazer tratamento, porque minha madrinha pegou aquela doença, que incha a perna, é... elefantíase. E ela veio tratar aqui e eu vim com ela. Aquela madrinha que eu morava junto. Eu conheci a minha vó, sabia? Ela não era feia não. Também era de Alagoas. Meu avô eu não conheci. Ele não era índio, ele era... minha cabeça ta muito ruim. Ele não era português. Nessa época teve muito gente em Alagoas, e a minha vó conheceu ele. Aí ele não foi mais embora, morreu lá, num sei de quê. Minha vó também morreu, mas minha vó morreu eu já era maiorzinha, mas eu não lembro do que foi.

Eu tinha 2 irmãos. Era 2 meninos. Eles foram com meu pai lá pra Arapiraca, mas morreu um primeiro, o mais velho, e o mais novo morreu também. Eles morreram e ficou só eu. Mas eu tava com a minha madrinha. Em Brasília não. Primeiro a gente foi pro Rio. A gente mudou de Alagoas pro Rio, porque minha tia tava com elefantíase. Eu já tinha 15 pra 16 anos. Eu achei bom, porque tem mais emprego. Eu fui trabalhar lá numa casa de doces, que fabricava doces. Eu enrolava aquelas mariola, fazia um monte de doce. Eu gostava muito. Por isso que sou doida com doce até hoje. Mas da minha infância, o que eu mais lembro acho que é das crianças da vizinhança que se unia pra fazer panelada. Panelada é uma comida com miúdo de frango. A gente brincava muito de roda. Todas as cantigas de roda eu sei a maioria, sei até hoje. Lembro de muita coisa. Eu era a mais velha dos meus irmãos, e minha mãe morreu ela tinha só 33 anos. Ela morreu de aborto, e quando eu nasci ela tinha vinte e poucos anos. Já tem um monte de coisa que eu já esqueci, porque é difícil de guardar tanta coisa de 80 anos. O meu pai? Ele também faleceu. Foi de infecção dentária. Teve uma infecção violenta nos dentes. E aí generalizou e ele não escapou. Naquela época não tinha médio quase. Ele era novo também, tinha perto de uns 40 anos. Naquela época,

40 anos já era considerado velho, um senhor, mas hoje ainda é novo. Ele ainda morava em Arapiraca. Depois que eles mudaram pra lá não mudaram mais pra outro lugar não, ficaram por ali. Tinha dois irmãos da minha mãe que moravam lá, eles trabalhavam no trem. Meu pai trabalhava na roça e minha mãe lavava roupa pra fora.

Quando eu tava crescidinha eu fiquei muito doente, eu tive coqueluche. Não me lembro quantos anos eu tinha. Minha cabeça ta muito ruim, a coisa fica aqui, mas não sai. Eu tive sarampo também. Eu acho que eu fiquei com alguma seqüela do sarampo, na cabeça. O sarampo é muito danado, ele deixa seqüela, quando ele não é bem tratado ele machuca a pessoa. Eu tenho dificuldade... por exemplo, se você traz uma leitura pra mim fazer, eu faço mas é com sacrifício, eu não decoro bem. Eu estudei até o terceiro ano do primeiro grau, não formei não. Eu parei porque fui trabalhar, lá no Rio. Eu tinha uns 20 e poucos anos. Não... logo que eu mudei pro Rio eu ajudava em casa. Depois a minha madrinha morreu. Morreu de conseqüências da elefantíase. Aí ela morreu e uma família se ofereceu pra ficar comigo, e eu fiquei. Eu vim pro Rio por causa de uma doença que eu peguei, a esquistossomose. E aí eu tratei e fiquei curada. A família que quis ficar comigo já era conhecida já. Eu já brincava com os filhos. E eles ficaram comigo porque eu não tinha quem me levasse pra Maceió.

Na minha adolescência eu não namorava muito não. Eu era esquisita, fechada. Eu já entendia os problemas das famílias, e eu não gostava de sair com qualquer pessoa. Não tinha amizade com qualquer um não. Eu escolhia meus amigos. Meu primeiro namorado chamava José Lima, eu gostava muito dele. Eu tinha uns 17 pra 18 anos. Ele gostava de mim demais, chegou ao ponto do pai dele vir falar comigo pra eu não terminar o namoro com ele, que eu não ia achar um rapaz que gostasse de mim como o filho dele gostava. Mas eu não quis ficar com ele. Larguei ele porque numa

noite ele veio falar comigo todo arrumado e disse: Maria José eu vou visitar minha irmã. E eu acreditei. Quando foi no dia seguinte uma conhecida nossa veio me falar: Maria José, você não sabe de nada! Aí eu disse: não quero saber de nada mesmo não. Aí ela disse: José veio falar com você que ia pra casa da irmã? Pois ele foi é atrás de uma piranha! E aí eu desliguei. Eu falei com ele que tava terminando por causa disso, mas ele disse que era mentira e minha amiga falou que não era mentira, e eu acabei acreditando nela. Mas eu me arrependi, eu acho que ele tava falando a verdade. Até pouco tempo eu achava que tinha feito certo, que ele tava mentindo, mas hoje eu acho que me enganei. Eu acho que se eu não tivesse terminado com ele, acho que eu casava, ele namorava pra casar.

Depois veio outros. Eu tive o Guilherme, um belo rapaz. Namorei ele, gostava dele. Acabou porque ele morava em São Paulo e foi assaltado, de madrugada, 3 horas da manhã. Aí ele tirou o revólver e deu três tiros no sujeito. Foi preso. Aí ele disse que gostava muito de mim, mas que não ia tomar meu tempo porque ele não sabia se ia ser absolvido. Aí ele ficou preso. Nunca mais eu vi. Teve o Jorge também, que hoje eu me arrependo. Me arrependo porque ele era um rapaz correto, mas eu não tinha a cabeça muito no lugar não. Porque eu sou muito ciumenta. Aí eu namorei e acabei e não acertei um pra casar.

O pai do meu filho foi o último namorado, o Amadeu. Eu conheci ele numa procissão de Nossa Senhora de Fátima, no Rio. Aí ele veio falar comigo, disse que me achou bonita, que gostou de mim. Mas ele não queria nada, queria uma mulher pra trabalhar pra ele. E eu cai na conversa dele! Eu não fui trabalhar na casa dele, mas gostei dele. Mas gostei assim, não gostei como gostei do José Lima e do Guilherme. Mas eu acabei engravidando sem querer. E aí eu fui trabalhar pra criar meu filho. Fiz

curso de manicure e fui trabalhar num salão. E fui ajudante de cabeleireiro. Mas ele foi embora. Eu contei pra ele que eu tava grávida, mas ele queria que eu fizesse um aborto. Marcou até médico pra fazer. Por que eu não fiz? Porque minhas amigas falaram que quem fazia um aborto cometia um crime, um crime semelhante a qualquer crime desses... aí eu disse que não fazia. Aí ele foi embora. Mas já morreu. Eu nunca mais encontrei com ele, mas encontrei com um amigo dele que me disse. Aí eu resolvi que ia ter o filho e ia criar sozinha.

Eu tive que trabalhar muito. Eu trabalhei de doceira, mas foi antes de ter meu filho. Eu fiz almoço até pra mulher do general Figueiredo. Fiz rosbife, salada de batata que tava entrando em moda, maionese de batata, fiz uma torta de chocolate. Eu trabalhei pra gente importante. Eu ganhava um dinheirinho bom, tinha uma casa montada com tudo, que eu comprei sozinha. Não... quando eu trabalhei de doceira eu já tinha meu filho, eu fui manicure antes de fazer doce. Quando ele nasceu eu tinha 27 anos e ele começou a trabalhar na farmácia com 13 anos. Eu trabalhei de manicure bastante tempo, viu? Uns dez anos. Depois que eu virei doceira. Quando eu virei doceira foi que eu acertei as contas. Não deu pra construir casa, mas eu aluguei e montei tudo direitinho. A casa tava completa, tudo, televisão, rádio, telefone. Eu só parei de trabalhar quando vim aqui pra Brasília.

Eu vim pra Brasília porque meu filho namorou uma moça lá do Rio, a Sheila, minha nora. Namoraram e ficaram noivos, mas não arranjaram emprego lá no Rio, vieram pra Brasília. Eu vim pra cá em 1984. Quando eu cheguei aqui eu estranhei muito o povo. O povo de Brasília é difícil, porque são fechados. Lá no Rio você chega hoje, amanhã você já tem amigo pra todo lado, em Brasília, pra fazer um amizade, tem que ralar. Aí eu vim pra acompanhar o meu filho e minha nora e fiquei morando com eles e

arrumando as coisas deles. Eu só não fazia faxina. Eu não fui trabalhar fora porque eu já tava doente, a minha coluna. Eu operei a coluna aqui em Brasília. Mas lá no Rio eu já descobri que tava com parkinson. Quer dizer, eu fui num monte de médico e não detectou. Fui fazer exame de tudo quanto é jeito. Acho que fiz uns cinqüenta e não descobriu o que era. Aí eu vim pra aqui. Já tava sentido dor e com os braços inchados aí fiquei trabalhando só em casa. Mas aí depois que a Sheila teve filho, ficou difícil pra mim. Aí ela arranjou uma moça e botou pra ajudar a criar a Juliana. Mas eu não gostava de morar lá. Eu achava ruim por causa deles terem o gênio muito difícil. Todos os dois. Não condeno só a Sheila não, porque meu filho também tem o gênio muito forte, tem o coração bom, mas o gênio forte. A gente não brigava muito porque eu não sou de briga, mas tudo que fazia eles botavam defeito. Todo mundo elogiava as coisas que eu fazia, minha casa parecia uma fábrica porque eu fazia muita comida, muito doce, mas eles achavam que eu não fazia bem feito, que eu não tinha gosto. Mas eu venci essa parte.

Eu achava que estava incomodando lá, eu me sentia mal, porque quando você tá convivendo com uma pessoa e tá vendo que aquela pessoa não tá satisfeita com você, você percebe de longe. Eu e a Sheila a gente não se falava, nem cumprimentava. E o meu filho? Um filho falava pra eu tomar cuidado, que eu era sozinha, e que se ela se aborrecesse e me colocasse pra fora de casa ele não podia fazer nada. Eu me sentia arrasada. Mas ficava calada pra não criar mais problema.

Eu nunca me achei velha, nunca me olhei no espelho e me achei velha. Também nunca liguei muito pra essas coisas de idade. Aparência sim. Quando eu vou visitar uma pessoa eu gosto de ir arrumada. Mas agora eu acho que eu tô velha, porque essa doença me detonou. Quando eu morava com meu filho eu não me achava velha, quando eu vim aqui pra Casa eu piorei, porque foi ficando tudo tão difícil. A pessoa que

ta acostumada a viver livre, sem ter interferência de ninguém, nem de pai nem de mãe, que foi o meu caso, se vê amarrada. Aqui eu me sinto presa, sem liberdade. Porque a gente vai fazer um café, já vem alguém “ih, vai fazer um café?”, a gente vai fazer uma comida, não pode fazer a comida que tem vontade, tem que ser tudo na hora da Casa, e eu não me acostumei. Lá na casa do meu filho eu já não me sentia com muita liberdade. Aí eu pedi “já que vocês não se dão comigo, arranja um lugar pra mim ir, um asilo de velho”. Aí meu filho disse “você não sabe o que é aquilo lá”. Aí eu disse “eu agüento vocês aqui, como é que não vou agüentar lá?”. Mas é diferente, eu sei que é diferente, mas quer saber? Eu vivo melhor aqui, porque aqui não tem ninguém achando que eu to desmanchando o trabalho da casa, que eu sou... realmente eu sou meio desarrumada, eu arrumo e desarrumo, mas é normal, né?! Por isso que eu acho que aqui eu to melhor. Eu to aqui na Casa tem 5 anos, vai fazer 5 anos em julho. E quando eu falei pro meu filho e pra minha nora que eu vinha pra cá eles não acharam ruim não. Meu filho disse “vai, vai que você vai ver o que é bom. Vai ver aí fora como é que as pessoas vivem”. Eu não vi nada demais aqui. Mas eu me senti muito mal quando vi que eles não queriam que eu ficasse. Eu senti um desgosto, uma tristeza, tudo junto. Eu sofri muito pra vir.

Eu tenho uma aposentadoria, mas não pago pra ficar aqui. A Sheila escreveu uma carta pro Joaquim Roriz contando que morava com a sogra e tinha três filhos, que precisava de uma pessoa mais jovem, que tomasse conta das crianças. Ela escreveu dizendo que não podia ficar comigo porque tinha três crianças e eu tinha essa doença, não podia tomar conta. Aí ele escreveu o nome dela no livro das contas, naquele livro que tem tudo escrito. Depois que ela escreveu essa carta eu ainda fiquei uns 8 meses na casa do meu filho. É que a Sheila foi diretora lá do... não sei mais as coisas... mas

ela tinha contato com o povo do governo. Aí eles responderam dizendo que sim, que ia conseguir a vaga aqui. Primeiro ele procurou em todas as casas de repouso, aí meu filho só gostou daqui. Mas aí eu continuei morando um tempo na casa do meu filho. Ele tava com o apartamento... ele renovou o contrato e... quando chegou o dia de renovar o dono do apartamento vendeu ou alugou pra outro. Mas meu filho tava comprando um apartamento. Eu sei que eu rezei tanto, pedi, pedi e saiu o apartamento. Fui eu que recebi a notícia do apartamento. Aí nós mudamos quando ficou pronto. O José Aparecido, que até já morreu, me chamou e falou “Dona Maria, a senhora vem apanhar a chave do apartamento”. Mas o apartamento não era meu, só tava no meu nome. Quando eu expliquei pro Seu Aparecido ele me perguntou se eu não achava melhor comprar dois apartamentos, um pra mim e outro pro meu filho. Mas eu não tinha condições pra ter um apartamento sozinha. E agora, como é que eu estava? Tive que vir pra cá. Não teve jeito. Eu não tenho vontade de voltar a morar com meu filho. Vontade nenhuma. Eu não pago pra ficar aqui, é tudo por conta do governo. E a minha aposentadoria? Tá com meu filho. Ele que recebe, ele que determina o que é pra comprar. Eu não tenho acesso ao dinheiro e acho ruim, eu queria ter. agora, do jeito que eu estou, é difícil demais.

De vez enquanto eu tenho vontade de sair daqui, de passear, mas eu não tenho condições, as pernas não me ajudam, eu to quase paralisada, eu tenho medo que se continuar desse jeito eu vou ficar parálitica. Mas mesmo se eu quisesse sair por minha conta, eles aqui não deixam, só deixam se meu filho vier aqui me buscar.

O que faz uma pessoa velha pra mim é o esquecimento, a memória. Uma pessoa velha eu acho que é uma pessoa doente, sem memória. De vez enquanto eu me considero uma pessoa velha. Hoje eu me considero, por causa do parkinson, só por

causa disso. Porque eu não tinha cara de velha. Eu tinha 20 anos todo mundo me dava 10. Mas a casa do meu filho me deixou mais velha, foi lá que eu piorei.

A minha vida podia ter sido diferente se eu não tivesse perdido meus pais. Família faz muita falta. E se eu não tivesse engravidado do Amadeu, eu acho que eu teria ficado solteira e sem filho pra sempre. Mas eu não acho que ia ser melhor, eu não me arrependo. Se meu filho não tivesse casado com a Sheila eu não sei. Porque meu filho com decide uma coisa... só deus. Mas se não tivesse entrado a Sheila eu acho que teria sido melhor. Mas o meu filho foi uma coisa boa na minha vida, uma criança é sempre bom. Agora, foi difícil criar ele, porque eu queria dar tudo do melhor, mas não consegui, mas tudo que eu pude... mas ele também não cooperou comigo, eu queria que ele estudasse, terminasse o curso e ele não quis... agora ta pagando pelas escolhas dele.

A fase mais triste da minha vida foi minha adolescência, porque eu não tinha família, não tinha ninguém. A fase mais feliz da minha vida foi quando eu trabalhava nos doces. Eu gostava muito. Eu recebi tanta alegria com esses doces. Eu não fiquei com dinheiro mas fiquei com as imagens.

O que podia acontecer pra melhorar a vida? Ah... tem tanta coisa que podia melhorar. Eu to perdendo a força de lutar, eu já lutei tanto. O que eu mais queria que melhorasse é esse problema das minhas pernas e o parkinson. Mas eu já desisti de viver”.

O Asilo pelas Internadas

De um modo geral todos os envolvidos na vida asilar (internados, funcionários e dirigentes) vêem a instituição, assim como concluiu Gusmão (1977), como uma “sala de espera da morte”. Apesar das idosas terem vontade de sair da Casa e voltar a ter uma vida fora dos portões, poucas realmente acreditam que isso algum dia virá a acontecer. Em geral, os velhos que ainda nutrem alguma esperança de sair do asilo com vida são aqueles, já mencionados, dos quartos externos.

Tanto funcionários quanto dirigentes acreditam que deveria existir um trabalho de reinserção do velho asilado à sociedade, que a Casa deveria ser uma condição transitória e emergencial. No entanto, todos parecem concordar que para tal ação seria necessária mobilização dos idosos e das famílias, verba e recursos humanos que a Casa não possui. Portanto, o objetivo da Casa passa a ser o de tornar o fim da vida desses velhos o mais agradável possível.

Um dos motivos que transformam a instituição nessa sala de espera é que as idosas, ao serem internadas em um asilo, perdem grande parte da vontade de viver por se perceberem indesejáveis. Essas senhoras que hoje estão na faixa entre os 60 e 90 anos de idade viveram numa época em que o valor da mulher era medido por sua utilidade doméstica. Para elas a impossibilidade de fazer seu trabalho é a indicação de que não servem para mais nada, não têm mais utilidade, logo não têm mais razão de estender sua vida. Acredito que o impacto desse rompimento de rotina, na qual a idosa passa a não servir mais para ser mãe, avó ou dona de casa é semelhante, senão

maior, ao da aposentadoria para os atuais idosos. Esse quadro provavelmente vem sendo modificado com a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Dona Mariinha me disse que:

“Quando eu era mais nova eu fazia bordado pra todo mundo, era um prazer, sabe. Eu gostava de cuidar da casa, de cozinhar, cuidar do meu filho e do meu marido, eu era muito feliz. Mas aqui não posso fazer nada disso. Quando eu morava na casa da minha irmã, mesmo enxergando pouco, eu conseguia lavar uma louça, varrer o chão. Aqui não, só fico parada, nem pra ver televisão eu sirvo, não enxergo quase nada, sabe. É uma tristeza, não tenho mais nada pra fazer nesse mundo”.

Dona Zezé:

“Eu fui mãe solteira, trabalhava cozinhando para fora, trabalhava muito. Nossa, como eu era boa. Já fiz bolo até pra mulher do Figueiredo, sabia? Com isso criei meu filho sozinha e hoje ele tá até bem. Eu trabalhava demais, fazia comida e doce pra fora e cuidava da casa, trabalhava tanto que acho que essa minha doença é disso. É um pena não poder mais mexer na cozinha, eu até consigo quando não tô tremendo tanto, mas aqui eles não deixam, tem medo que a gente se machuque, eles tem razão, né. Tô velha, doente”.

Algumas entrevistadas, além de afirmarem a espera da morte, disseram em alguns momentos chegar a almejá-la. Apesar de não reclamarem da Casa, de julgarem-na um lugar bom onde são bem quistas e bem atendidas, as idosas dizem que é muito sofrimento continuar em uma vida longe dos filhos e dos entes queridos. Doentes e sozinhas preferem a morte.

O velho que vive na sociedade, além de tomar conhecimento da morte de pessoas de várias idades, tem a possibilidade de continuar com sua vida ativa, talvez por isso não associe de forma tão marcada velhice e morte. No entanto, quando se vive em um asilo testemunha-se a morte de vários de seus companheiros, o que acaba por reafirmar o estigma de que dali só se sai morto. Na Casa, é importante dizer, quando o

idoso internado fica doente sua família é acionada e o velho é levado imediatamente ao hospital. Uma das assistentes sociais alegou que, além da Casa não ter condições de cuidar de casos graves em sua enfermaria, isso é usado como um pretexto para que os familiares estejam presentes de alguma forma. No entanto, isso gera uma associação negativa com a saída do asilo que faz com que o idoso não queria deixar a Casa. Foi dito a mim que nunca aconteceu de algum idoso falecer na Pousada, quando começavam a ficar mais doentes eles eram levados para o hospital ou para a casa dos responsáveis. Acho difícil acreditar, porém, que em mais de 40 anos de Casa nunca tenha acontecido uma fatalidade dessa, mas, obviamente, não existe interesse em divulgar a morte de algum internado dentro do asilo.

A segunda imagem mais fortemente associada ao asilo, por funcionários e internados, é o de um lugar de pessoas indesejáveis e inúteis, lugar onde se colocam as pessoas que ninguém mais tem interesse. A maioria das idosas do asilo diz que já estão tão acostumadas com sua situação na Casa que quando vão passar um dia na casa de algum parente não se sentem bem, sentem-se deslocadas, incomodando. É perceptível que elas mesmas já se enxergam como indesejáveis. Desde o início de minhas visitas elas me perguntavam porque eu perdia meu tempo indo visitá-las, que elas não tinham mais nada a oferecer, que eu devia estar com as pessoas jovens e saudáveis. Creio que esta imagem do asilo, embora citada com menor frequência pelos envolvidos, seja a primeira a aparecer. Depois que a fase da rejeição pelo internamento passa o sentimento de ser indesejável desponta, levando-as à conclusão de que estão ali para morrer.

Existe, no entanto, uma associação positiva, a de que na Casa os idosos podem conviver com pessoas da mesma idade, com as mesmas experiências e expectativas.

Em casa eles não tinham com quem conversar, ninguém conhecia ou tinha passado pelas mesmas coisas que eles e mais, ninguém tinha interesse em ouvi-los. No asilo, quando questionados sobre algum fato histórico que vivenciaram, os velhos conversam, discutem e argumentam animadamente. O fato de terem pessoas contemporâneas no dia-a-dia é sempre visto como algo positivo, mas o convívio obrigatório torna essa realidade desagradável. Dizem que preferiam estar em casa e freqüentar “aqueles grupos de idosos”.

“Acho bom aqui porque tenho com quem conversar, posso relembrar as coisas do passado. A gente viveu na mesma época, eu e ela, temos quase a mesma idade, ela me ajuda a lembrar de umas coisas e eu ajudo ela também. Eu lembro na época do Getúlio, ah, eu adorava ele, ela não, ela lutava contra, sabe. É diferente, mas pelo menos assim eu converso com alguém, a gente discute, eu não gostava dos revolucionários, aqueles comunistas, mas gosto dela, ela é minha amiga. Tem umas aqui que eu não gosto, minha pressão até sobe quando encontro, mas tem outras que eu gosto muito, são a minha família agora, né, fazer o quê?” Dona Mariinha.

Como todo lugar onde vivem muitas pessoas, na Casa foram surgindo grupos de afinidade que dão suporte e atenção uns para os outros. É possível notar que, normalmente, são as colegas de quarto as mais queridas. Num quarto coletivo, por exemplo, estavam Dona Mariinha e Dona Zezé, uma com dificuldade de locomoção e visão e a outra com dificuldade de coordenação, porém, elas se ajudam como podem e se preocupam muito uma com a outra. Ocorreu, certa vez, um episódio onde Dona Mariinha passou muito mal e não conseguia pedir ajuda, ao encontrar a amiga quase desfalecida Dona Zezé, mesmo com toda a dificuldade do Parkinson, foi quem pediu socorro e mobilizou a todos. Dona Mariinha foi levada ao hospital e só sobreviveu, segundo o médico, pela agilidade da amiga. Esse caso mostra que, embora essas

idosas estejam esperando a própria morte, o falecimento de uma pessoa querida nunca é facilmente aceita.

É possível notar também que esses grupos de afinidade, em geral, repudiam os outros grupos. Os indivíduos internados que já não mantêm sua sanidade intacta ou que possuem algum tipo de doença mais aparente são tratados, pelos próprios idosos, como loucos e sujos. Todos procuram manter distância e avisam para qualquer visitante que fiquem longe porque “aqueles velhos são nojentos”. Tal atitude lembra o que Goffman chama de “exposição contaminadora”. Enquanto no mundo externo o indivíduo pode manter objetos que se ligam aos sentimentos do eu, por exemplo alguns de seus bens fora de contato com coisas estranhas e contaminadoras, nas instituições totais esses territórios do eu são violados. A fronteira que o indivíduo estabelece entre o seu ser e o ambiente é invadida e as encarnações do eu são profanadas.

Apesar de terem um armário individual os idosos dos quartos coletivo não possuem chave e todos os seus bens ficam relativamente expostos. Eles tentam, como podem, tornar a parte do quarto que lhes é devida o mais familiar com fotos e objetos pessoais trazidos da antiga casa, mas dizem não considerá-los tão pessoal mais, pois todo mundo pode ver e pegar. Não existe privacidade nos quartos coletivos e isso é motivo de sofrimento para esses idosos. O contágio do objeto, segundo as internadas, se dá já na entrada do asilo, pois este é considerado um lugar poluído “com tantos velhos doentes”. É importante ressaltar que, apesar de considerarem a instituição um lugar contaminado, com a permanência, depois de alguns meses, os idosos começam a encarar a Casa como seu lar. Não deixam, porém, de ter nojo do banheiro coletivo ou das roupas de cama que são lavadas juntas, por exemplo. Os velhos chegam ao asilo

com o preconceito que encontramos na sociedade em geral, e este não se desfaz facilmente.

A respeito da estrutura da Casa não há reclamações por parte dos internos. Dizem que a Casa é “até limpa” e que todos são muito gentis. Porém, tive a oportunidade de presenciar uma das Assistentes Sociais sendo bastante rude com uma idosa. A hierarquia na instituição é muito presente, os velhos são tratados como incapazes e os funcionários como pessoas caridosas que fazem um favor àqueles “pobres coitados”. Acredito que os recursos humanos da Casa sejam muito deficientes, nenhum dos funcionários tem especialização no trato com idosos e, aparentemente, nem muita paciência. Os salários são muito baixos e o trabalho é exaustivo. As auxiliares de enfermagem, por exemplo, trabalham em sistema de plantão, ou seja, trabalham 12 horas por dia, em dias intercalados, e recebem um salário mínimo. Para complementar a renda elas possuem trabalhos semelhantes em outras instituições, por isso ficam muito cansadas e acabam por não prover a atenção necessária aos idosos.

O trabalho na Casa não parece prazeroso para ninguém. Talvez por isso o cargo de Assistente Social esteja constantemente vago. Durante a pesquisa, sete Assistentes Sociais passaram pela Casa e todas saíram porque conseguiram emprego melhor, segundo elas. As com quem tive oportunidade de conversar nunca haviam trabalhado com idosos antes e não pareciam motivadas a continuar. Diziam que, além das condições de trabalho e o salário serem ruins, a realidade daqueles velhos era revoltante e que as famílias desses idosos com certeza não eram normais. A internação, num asilo, de um velho que possua algum familiar, para essas mulheres, era desumano e patológico. Essa fato retrata, em proporções mínimas, a realidade

atual do idoso onde a sociedade desapontada com a situação do velho prefere virar as costas e esquecer a tentar melhorá-la de alguma forma.

As Identidades das Internadas

A identidade do velho resulta da modificação de uma identidade anterior, pois ao adquirir o status de velho o indivíduo passa a ser tratado de acordo com determinados padrões e reage a esse tratamento. Segundo Gusmão (1977), acontecem mudanças nas relações sociais a partir da categorização de alguém como velho, é, portanto, possível supor que essas mudanças se reflitam na representação que ele faz de si. Em uma sociedade capitalista, como a nossa, o status de um indivíduo é medido de acordo com sua capacidade produtiva, daí nasce o trauma da aposentadoria. Quando deixa de ser ativo produtivamente o indivíduo tem de encarar a velhice e esse momento, normalmente, muda alguns aspectos da sua representação. No caso das mulheres velhas a produtividade é medida de acordo com sua utilidade e autonomia domésticas. Sobre isso Dona Zezé fala:

“Quando eu morava com meu filho eu não me achava velha, quando eu vim aqui pra Casa eu piorei, porque foi ficando tudo tão difícil. A pessoa que ta acostumada a viver livre, sem ter interferência de ninguém, nem de pai nem de mãe, que foi o meu caso, se vê amarrada”.

Guita Grin Debert em seu livro *A Reinvenção da Velhice* (1999) afirma que várias das idosas entrevistadas por ela, aos 70 anos ou muito mais, não se consideravam velhas, sendo que a velhice era vista como um problema de outros que se comportavam como velhos, mesmo que com menos idade. Para essas mulheres, a

velhice não estava ligada à idade, mas à perda da autonomia, e todas elas se consideravam independentes. O trabalho doméstico não era um símbolo da opressão feminina, e poder realizá-lo era a condição para a autonomia e independência que negavam o envelhecimento. Consideravam, por isso, que os homens tinham um envelhecimento prematuro, dada sua dependência do trabalho doméstico feminino. Nas sociedades tradicionais, no entanto, tanto homens quanto mulheres quando chegam à “terceira idade” adquirem um novo (e melhor) status, já que, com sua aposentadoria, garantem o sustento da casa.

A sociedade rejeita o velho na medida em que o enxerga como um fardo à sociedade. O velho não participa da produção, não pode mais ser responsável por si próprio e deve ser tutelado como um menor. A diferença é que quando cuidamos de uma criança estamos investindo no futuro, mas o cuidado com os idosos é inútil, não dará frutos. Sobre isso, Bosi (1979) afirma:

“A moral oficial prega o respeito ao velho mas quer convencê-lo a ceder seu lugar aos jovens, afastá-lo delicada mas firmemente dos postos de direção. Que ele nos poupe de seus conselhos e se resigne a um papel passivo”. (Pág. 78).

Esse papel passivo é facilmente percebido na Casa. As internas não apenas não possuem autonomia para realizar pequenos afazeres domésticos que fizeram a vida inteira como não têm nem mesmo o direito de administrar seu próprio dinheiro, sua aposentadoria. Dona Zezé conta: *“E a minha aposentadoria? Tá com meu filho. Ele que recebe, ele que determina o que é pra comprar. Eu não tenho acesso ao dinheiro e acho ruim, eu queria ter. Agora, do jeito que eu estou, é difícil demais”*. A maioria das idosas da Casa vivem exatamente a mesma situação de Dona Zezé. No entanto, Dona

Eni conta uma história diferente. Ela é uma senhora de 64 anos que não possui aposentadoria ou pensão, foi colocado no asilo pelos filhos que alegaram que ela necessitava de atendimento psicológico. Dona Eni se sustenta na Casa cuidando de uma outra senhora, Dona Conceição. É com este dinheiro que ela paga sua estada e ainda ajuda os filhos e, embora queira sair da Casa, pondera que este dinheiro pode fazer falta não só a ela, mas a seus filhos.

É fácil perceber, até mesmo dentro de nossas famílias, a cumplicidade dos adultos em manejar os velhos, em imobilizá-los com cuidados para “seu próprio bem”. Os adultos tolhem a liberdade de escolha, a liberdade de ir e vir e até mesmo a liberdade de pensamento do idoso com o objetivo de torná-los cada vez mais dependentes. Obrigam os idosos a sair de suas casas e irem morar com parentes e, por fim, quando passam a exergá-lo como um estorvo, não hesitam em interná-lo em um asilo. Muitos idosos são persuadidos a irem para uma instituição com falsas promessas e, principalmente, com o discurso de ser algo provisório. Dona Eni, por exemplo, está na Casa a mais de 4 anos e até hoje acredita que sua situação é provisória, que a decisão de sair de lá é exclusivamente dela. Quando eu entrevistei Dona Eni pela primeira vez (2004), ela me afirmou que sua filha a iria tirar da Casa e levá-la para casa daí a poucos meses, quando voltei a entrevistá-la (2008) ela continuava afirmando a mesma coisa.

É necessário considerar também que a identidade do velho é vista como uma identidade estigmatizada. Segundo Goffman (1982) existem três tipos de estigma: as abominações do corpo; as culpas de caráter individual; e os estigmas tribais de raça, nação e religião. Todos eles imprimem em seus portadores em traço negativo capaz de destruir a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Em nossa sociedade,

pois, o idoso se apresenta com um conjunto de características por meio das quais é considerado uma pessoa inútil, inferior e conseqüentemente depreciada. Dona Eni explicita bem alguns desses estigmas quando afirma que ser velho é ser cansado, é ter trabalhado demais e começar a “caducar”. Ela afirma ainda que ser velho é voltar a ser criança e precisar sempre de alguém cuidando, não conseguir fazer nada sozinho. Já Dona Zezé acredita que o que torna uma pessoa velha é a memória, o “esquecimento”. Quando a pessoa passa a esquecer das coisas, ela se torna velha. Tais depoimentos nos fazem refletir sobre o fato de que, em muitas sociedades, os velhos são considerados guardiões da memória. Em geral, as idosas da Casa possuem a memória imediata muito fraca, mas lembram com detalhes fatos que lhes aconteceram há muitos anos. No entanto, atualmente, é a memória atual que mede a utilidade da pessoa e por isso as sociedades não mais enxergam no idoso o papel de guardião e, conseqüentemente, o velho deixa de se sentir como tal, perdendo sua importância e seu principal papel.

As histórias de Dona Eni e Dona Zezé remetem a um assunto tratado por Bosi (1979): a idéia de que os idosos não podem ter defeitos. Bosi afirma que, para a sociedade, o velho não pode errar. Esperamos deles infinita tolerância, perdão e uma “abnegação servil pela família”. Momentos de cólera, de esquecimento, de fraqueza são duramente cobrados e podem ser o início do banimento do grupo familiar. Isso é facilmente percebido nos motivos de internação das idosas. Existe, porém, uma variante deste comportamento: pessoas que tratam os idosos como crianças, com um tom protetor, sem, no entanto, disfarçar a estranheza e a recusa. Na maioria dos asilos é essa a variante mais encontrada, tendo em vista que os funcionários são pagos para cuidar dos idosos e raramente constroem com eles um vínculo afetivo.

A condição de internado está diretamente ligada, no pensamento desses idosos, à representação de velho, e de fato elas não podem ser consideradas isoladamente. Dessa justaposição surge uma outra identidade, também estigmatizada, que qualifica uma pessoa para o internamento numa instituição de determinado tipo. O internamento obriga o idoso a modificar as relações sociais que mantinha no mundo externo. A obrigação de conviver com pessoas de forma compulsória e a de sujeitar-se aos funcionários do asilo modifica a sua identidade. Essa nova identidade também é estigmatizada porque o internamento significa um rebaixamento com relação aos velhos não asilados.

As visitas de amigos de quando faziam parte da sociedade mais ampla são raras. Foi possível perceber que os laços antigos de amizade são raramente mantidos depois do internamento, até mesmo porque, além de serem poucos os amigos que ainda estão vivos, a maioria deles se encontra nas cidades natais dessas idosas.

Foram várias as representações da velhice encontradas na Casa e foi possível perceber que a visão de si do internado estava diretamente ligada à visão do idoso sobre o asilo. Algumas idosas se afirmaram velhas, mas só se enxergavam assim diante de um grande contraste. Quando se comparavam comigo ou com as funcionárias diziam *“você está jovem e saudável, eu estou velha e doente”*. Nenhuma delas se considerava velha o tempo todo, nem de forma isolada nem quando em contraste com as outras idosas da Pousada. Não é possível afirmar, no entanto, se essas idosas se representam como velhas, mas não admitem isso, ou se realmente não enxergam em si essa identidade. Creio que a negação dessa identidade tem o objetivo de não se “deixarem entregar” a essa realidade, pois apesar de terem atitudes correspondentes

às expectativas da sociedade em relação às mulheres idosas, não admitem fazê-lo por uma imposição da idade.

“Eu nunca me achei velha, nunca me olhei no espelho e me achei velha. Também nunca liguei muito pra essas coisas de idade. Aparência sim. Quando eu vou visitar uma pessoa eu gosto de ir arrumada. Mas agora eu acho que eu to velha, porque essa doença me detonou”. Dona Zezé.

“Se eu me acho velha? Ah... tem dia que a gente ta mais abatida, né?! Mas assim, pela minha idade, eu não me acho velha. Mas já teve vez que eu me olhei no espelho e vi que tava envelhecendo. A gente vai envelhecendo não é só na presença não, é na idade mesmo. Os anos vão passando e a gente vai envelhecendo. Eu acho que to envelhecendo, mas não me sinto velha”. Dona Eni.

Outra representação do velho pelos internados é a de doente, de próximo da morte. Na maioria dos asilos, os velhos se encontram em uma situação liminal, estão no processo de “deixar de ser”, elas deixaram de ser mães, deixaram de ser donas de casa, deixaram de ser importantes, deixaram de ser saudáveis, deixaram de ser bonitas, agora são apenas mais uma “vovó” do asilo. Essa representação é facilmente percebida nos depoimentos citados anteriormente. São recorrentes frases como “estou velha e doente”. Uma idosa chegou a dizer que não era velha, estava velha porque estava doente, mas quando ficasse boa deixaria de ser velha. Acredito que esta seja a representação mais encontrada entre os idosos asilados. Na Casa, todas as senhoras reclamam de alguma dor, no entanto, discriminam muito aqueles que possuem doenças mais graves. Velho, para algumas dessas senhoras, por exemplo, é ser sujo, é não ter mais preocupação com a higiene, não tomar banho. Para outra, velho é aquele que não está mais em seu juízo, está “ficando gagá”, não lembra mais das coisas, não sabe

mais quem é ou quem foi. Houve ainda aquela que se admitiu velha por estar em um asilo ela disse “devo ser velha, estou num asilo”.

Quando questionadas sobre o que caracterizava uma pessoa velha, afirmam:

“Velho é aquela pessoa que não toma mais banho, não tem mais preocupação com a higiene, anda por aí sujo, fedido. Eu sou limpinha, tomo banho todo dia, passo perfume, creme. (...) Pros meus netos eu posso ser velha, aí sim, mas não vou virar esses velhos que andam por aí mulambentos, sujos. Mas aqui tudo é meio sujo. Acho que quando a gente vem prum lugar desse vira um pouco velha mesmo, não sei”. Dona Maria José.

“Eu até esqueço das coisas de vez em quando, às vezes nem me dá vontade de conversar com as pessoas porque fico com medo de esquecer o nome delas, o que elas me falaram e passar vergonha, nisso eu tô ficando velha, mas não velha assim, sabe. Quando você começou a vir aqui, depois que você ia embora eu ficava repetindo seu nome baixinho pra não esquecer. Viu? Agora não esqueço mais”. Dona Mariinha.

Outro grupo muito discriminado são os que possuem distúrbios que os obriguem a ter ajuda constante. A independência é, sem dúvida, o fator mais valorizado na Casa. Questões de cunho social, econômico ou até mesmo racial adquirem pouca importância diante do grau de autonomia do idoso internado na Casa. Acredito que esta seja a principal influência de mudança na identidade que representava o idoso antes do internamento. Enquanto mantém sua autonomia e é tratado como igual ele preserva, o mínimo que seja, sua identidade como indivíduo e não abraça, sem opção, o estigma de velho. Os idosos dos quartos externos, por exemplo, quando questionados se se consideravam velhos não hesitavam em dizer que não. Uma dessas senhoras chegou a dizer que *“velhos são esses aí de dentro, que nem sabem mais o que fazem, precisam de alguém pra fazer tudo pra eles”*. Cabe lembrar que esses internados externos são os únicos que mantêm algum tipo de atividade regular. Eles não estabelecem, ao contrário

dos idosos internos, uma oposição entre o jovem produtivo e o velho inútil. Isso mostra que a auto-definição do idoso como inútil reforça sua identidade de velho.

Por meio dos discursos das idosas da Casa foi possível verificar uma série de antagonismos entre a representação do jovem e do velho, sendo nessa situação que o idoso se admite velho. Enquanto o jovem é visto como alguém com pouca idade, forte, útil, saudável, bonito, capacitado para o trabalho e responsável pela família, o velho é alguém com a idade avançada, fraco, inútil, doente, feio, incapaz para o trabalho e um fardo para a família. Esses elementos podem, segundo Gusmão (1977), ser considerados definidores do velho, tanto objetiva quanto subjetivamente.

A visão do idoso como abandonado pela família é também muito forte. Apesar de, como dito anteriormente, a maioria desses internados terem família residente em Brasília, o abandono é recorrente, embora de uma forma mais sutil. Em geral, os parentes os visitam uma vez por mês quando tem de vir pagar a contribuição mensal. Existem aqueles familiares, no entanto, que visitam o idoso frequentemente, mas não aparentam fazê-lo com muito prazer. Pude presenciar uma situação em que, durante uma das festas realizada por mim na Casa, em que os parentes foram convidados com antecedência, apenas duas famílias compareceram. Uma senhora me pediu que guardasse um pouco da comida que estava sendo servida, pois seu filho e netos deviam chegar a qualquer momento. A família dessa senhora é relativamente presente, a leva para passear de vez em quando e a leva para casa nos dias festivos. No entanto, numa ocasião importante para a idosa asilada, como são encaradas as raras festas no asilo, nem o filho nem os netos compareceram.

Existem também, é claro, aqueles idosos que levam em consideração para a caracterização de um indivíduo como velho exclusivamente o fator etário. Em geral

estes são os relativamente jovens ou os de idade já muito avançada. As residentes mais jovens da Pousada (58 e 59 anos) não se consideram velhas, mas acreditam que “as outras” são. Em média julgam que a partir dos 65 anos a pessoa é acometida pela velhice, mas não se enxergam velhas ao chegarem lá. Mais uma vez a velhice se mostra como o fator que os outros enxergam no indivíduo. As mais velhas (90 e 94 anos), no entanto, já enxergam a velhice em si, mas o fazem, acredito, mais por pressão externa do que por vontade própria.

Segundo Goffman (1982), o indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que têm os que o estigmatizam. Os valores que foram por ele incorporados da sociedade o tornam suscetível ao que os outros vêem como seu defeito o que o leva a admitir sua posição de inferioridade à média. Por vergonha dessa característica estigmatizante o indivíduo tenta esconder e negar sua realidade com o objetivo de livrar-se dessa condição, de alguma forma.

Não é possível explicar concretamente o porquê de um internado assumir ou não determinada identidade de velho. É possível, porém, dizer que a juventude e a beleza são categorias que se confundem na ideologia da nossa sociedade que utiliza a figura da mulher bela e jovem como padrão e ideal de beleza para alcançar uma série de objetivos comerciais. Para a mulher asilada seria difícil admitir a perda desses atributos tão valorizados socialmente, pois, além de tornar-se uma pessoa estigmatizada, ao ser internada, perdeu todo o resto que constituía sua identidade externa: seu status de mãe, avó, dona de casa e dona de si.

CAPÍTULO 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Capítulo 6

Considerações Finais

Nos capítulos anteriores tentei, com base nos trabalhos sobre velhice e na minha própria experiência de campo, mostrar a história de vida de duas idosas asiladas e, ao conjugá-las com entrevistas feitas em outros momentos, com outras idosas, traçar uma relação entre a auto-imagem, autonomia e o internamento em um asilo. Procurei, com o objetivo de ser o máximo imparcial no julgamento do bom ou mau tratamento dispensado pela Casa, utilizar o que versa o Estatuto do Idoso como parâmetro.

A revisão da literatura mostrou um crescimento no interesse acadêmico pelo tema, no entanto, esse aumento de obras sobre a velhice surgiu, antes de puro interesse intelectual, por uma pressão da sociedade que vem percebendo a crescente influência do velho na realidade atual. Não é possível afirmar um único motivo para essa repentina importância dada aos idosos, mas ela é real, seja por uma questão demográfica, seja por ter se tornado um novo e forte tipo de consumidor ou simplesmente pelo início de uma conscientização onde, já dizia Beauvoir (1970), o jovem começa a se enxergar no velho.

Para iniciar o trabalho julguei importante listar algumas definições de velhice. Simone de Beauvoir (1970) julga que a velhice pode ser vista como um fenômeno biológico que acarreta conseqüências psicológicas, possui uma dimensão existencial e é diretamente influenciado pela questão social. Para Bosi (1979), em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem. Mira y Lopes (1966) afirma ser a velhice um conjunto de mudanças naturais que se processa em nosso organismo com o passar

dos anos. Maria Gusmão (1977) define velhice como um fenômeno biológico com repercussões sociais. Ricardo Moragas (1997) divide o conceito de velhice em três categorias. A primeira, e mais recorrente, é a chamada “velhice cronológica”, a segunda é a “velhice funcional” e a terceira é a denominada “velhice, etapa vital”. Para fins dessa pesquisa optei pela definição de Gusmão acrescentando, porém, o fato constatado durante a pesquisa de campo de que a velhice só existe realmente no outro.

Tenho consciência das restrições que este tipo de pesquisa possui, acredito, no entanto, que a realidade verificada na Casa possui alguns aspectos que podem ser generalizados, até certo grau, para a velhice em geral. Em certa fase do processo de envelhecimento, o indivíduo é julgado ineficiente e afastado do trabalho produtivo. Quando atinge esse ponto o velho pode passar a ser considerado um fardo por sua família e o asilo se torna uma opção. Os idosos que são internados, em sua maioria, sentem-se um incômodo, uma pessoa da qual as outras querem se livrar. O velho asilado incorpora a ideologia negativa da sociedade sobre ele mesmo, começa a ver-se como inútil, indesejado, conforme foi possível perceber nos motivos de internamento e na identidade do idoso asilado.

É verdade que existem problemas reais que levam alguém a internar um parente em um asilo, como questões financeiras, por exemplo. No entanto, é possível afirmar que na Casa esse não é o caso da maioria dos internados, embora seja um dos motivos mais utilizados pelos idosos para justificar seu internamento. Essas justificativas são, na verdade, ideológicas. Como disse Gusmão (1977), uma tentativa de explicar o inexplicável. A ideologia sobre a velhice, bem como as causas do internamento, encontram-se na estrutura social e é daí que resulta as formas discriminatórias de tratar os velhos.

A ideologia que estigmatiza o idoso é facilmente apontada em todos os segmentos da sociedade, o asilo, porém, por ser uma instituição que lida única e exclusivamente com velhos serve como um catalisador dessa ideologia e acaba por prover o tratamento indigno que degrada a auto-imagem e diminui a autonomia do idoso.

Segundo a *Cartilha do Idoso*, escrita pelo Relator-Geral da Subcomissão Temporária do Idoso, Senador Leomar Quintanilha, apenas 1% da população idosa do Brasil encontra-se em instituições asilares. No entanto, a permanência destes em instituições de caráter permanente é um dos aspectos fundamentais das políticas públicas de assistência ao idoso.

Os documentos oficiais publicados antes dos anos 60 dão uma idéia da realidade que vem sendo, muito lentamente, modificada. O texto do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) dizia:

“dada a preponderância marcante de pessoas jovens em nossa população, a elevada taxa de natalidade, a baixa expectativa de vida, a pequena renda *per capita* e a alta incidência de doenças em massa – os programas de saúde no Brasil devem, necessariamente, concentrar seus recursos no atendimento das doenças da infância e dos adultos jovens. A assistência ao velho, é forçoso reconhecer, deve aguardar melhores dias”.

Somente no ano de 1988, com a nova Constituição brasileira é que esse quadro legal foi modificado. O artigo 230 dizia: *“a família, a sociedade e o Estado têm o dever de cuidar dos idosos, assegurando-lhes uma participação na vida comunitária, protegendo sua dignidade e bem-estar, garantindo-lhes o direito à vida”*, o que ressalta, mais uma vez, a questão da socialização da gestão da velhice.

Atualmente foi aprovado o Estatuto do Idoso, com princípios inovadores, porém, pouco praticados. Segundo a lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, é *“instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos”*. Nota-se nesse artigo que, para o Estado, idoso é aquele indivíduo com 60 anos ou mais. O Estatuto teria como objetivo zelar pela saúde física e mental do idoso, bem como pelo seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social em condições de liberdade e dignidade.

O artigo 3º do Estatuto dispõe sobre a garantia de prioridade do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. Dentre os incisos do parágrafo único deste artigo, encontra-se a garantia de prioridade na:

“viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações” (inciso IV); a “priorização do atendimento do idoso por sua própria família, em detrimento do atendimento asilar, exceto dos que não a possuam ou careçam de condições de manutenção da própria sobrevivência” (inciso V); “capacitação e reciclagem dos recursos humanos nas áreas de geriatria e gerontologia e na prestação de serviços aos idosos” (inciso VI); e o “estabelecimento de mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais de envelhecimento” (inciso VII).

O não cumprimento dessa lei pôde ser percebido claramente no decorrer da pesquisa. No entanto, é preciso atentar para a situação econômica e social do Brasil. O Estatuto versa sobre questões fundamentais que deveriam ser cumpridas em sua totalidade, porém, foi possível perceber que a não atenção a esses direitos é, grande parte das vezes, devido a dificuldades financeiras e não puro descaso. É necessário

ressaltar que uma pesquisa mais aprofundada no que concerne ao aspecto econômico da Casa seria de fundamental importância para um maior esclarecimento.

A conclusão que se pode chegar é que, embora o idoso venha conquistando direitos, como foi a aprovação do Estatuto, o seu cumprimento, no âmbito público, é muito complicado, e a repercussão desse não cumprimento nos idosos é a degradação da sua auto-imagem e autonomia. Com a internação, a vida desses idosos sofre um esvaziamento de sentido e, como disse Gusmão (1977), despojada de objetivo, ela se torna indigna de qualquer ser humano. Essa transformação se deve, em muito, à impossibilidade financeira de atender todas as necessidades do idoso asilado, tendo a instituição que optar pelos aspectos que julga mais importante.

Na Casa, as questões negligenciadas foram, como especificado anteriormente, as de cunho psicológico. A Casa provê, por exemplo, um ambiente relativamente saudável, mas os internados não recebem nenhum tipo de tratamento psicológico formal ou informal e, para os idosos asilados, este seria um dos aspectos fundamentais para manter a qualidade de vida. Segundo eles, e também segundo as Assistentes Sociais, a presença de alguma pessoa com objetivo de os estimular física e mentalmente traria um bem estar raramente encontrado em instituições como esta. No entanto, acredito que esta pesquisa foi capaz de mostrar como o simples ato de lembrar pode transformar a vida desses idosos asilados. O que pude perceber na prática de campo é que a expectativa de contar um pouco mais sobre sua vida era o suficiente para que esses idosos tivessem um motivo para acordar no dia seguinte. Dona Zezé, por exemplo, que dizia ter desistido de lutar contra a morte, depois de algumas semanas de conversa já dizia se sentir bem mais animada. Tendo isso em mente, penso que a melhoria de vida dessas pessoas não exige um grande gasto financeiro,

bastaria resgatar, em casa, na família, a “velha” idéia de que o idoso é o guardião da memória e ainda tem muito para contribuir. Ainda atualmente, muitas crianças passam grande parte de sua infância com os avós. No entanto, o forte vínculo entre idosos e crianças vai, com o tempo, se tornando mais fraco até ser rompido definitivamente. Acredito que é neste laço que os esforços deveriam se concentrar. Se for possível mostrar aos jovens a importância do idoso não só a vida deste melhoraria drasticamente como o futuro do jovem também estaria garantido.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia

- § **BARLETT**, Frederic. *Remembering*. Cambridge: Cambridge University Press. 1932.
- § **BARROS**, Myriam Moraes Lins (org). *Velhice ou Terceira Idade?*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- § **BEAUVOIR**, Simone. *A velhice*. São Paulo: Nova Fronteira, 1970.
- § **BERGSON**, Henri. *Matière et Mémoire*. Paris: PUF. 1959.
- § **BOSI**, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 10^a edição.SP: SP. Editora Schwarcz, 1979.
- § **DEBERT**, Guita Grin. *Gênero e Envelhecimento*. In: Estudos Feministas. Volume 2. Rio de Janeiro: CIEC UFRJ. 1994.
- § _____ . *A Reinvenção da Velhice*. São Paulo: SP. Edusp, 1999.
- § **DURKHEIM**, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo : Nacional. 1990.
- § **FERREIRA**, Marieta de Moraes e **AMADO**, Janaína (coord.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: RJ. Ed.Fundação Getúlio Vargas. 1996.
- § **GOFFMAN**, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: SP. Editora Perspectiva. 1961.
- § _____ . *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis. Editora Vozes. 1975.
- § _____ . *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4.^a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- § **GUSMÃO**, Maria Luiza. *A Sala de Espera*. Dissertação de Mestrado, mimeo. Universidade de Brasília: DF.1977.

- § **HALBWACHS**, Maurice. *La Mémoire Collective*. Paris: PUF. 1956.
- § **HEILBORN**, Maria Luiza. *Fazendo gênero: A antropologia da mulher no Brasil*. In: Costa, Albertina e Bruschini, Cristina. *Uma questão de gênero*. São Paulo: Rosa e Fundação Carlos Chagas, 1992.
- § **JOUTARD**, Phillippe. “História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos”, In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV. 1996.
- § **LAHUD**, Altair. *Terceira Idade: Ideologia, cultura, amor e morte*. Brasília: DF. Editora UnB. 2004.
- § **LEI Nº 10.741 de 2003**. Estatuto do Idoso.
- § **LÉTTI**, Mariana Marlière. *Narciso Acha Feio o que Não é Espelho: Estudo Sobre o Idoso em uma Instituição Total*. Monografia de Graduação para o curso de Antropologia da Universidade de Brasília. 2005.
- § **MACHADO**, Lia Zanotta. *Feminismo, academia e interdisciplinariedade*. In *Uma questão de gênero*. Costa, Albertina e Bruschini, Cristina. São Paulo: Rosa e Fundação Carlos Chagas, 1992.
- § **MEAD**, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- § **MIRA Y LOPES**. *A Arte de Envelhecer*. Civilização Brasileira. 1966.
- § **MORAGAS**, Ricardo Moragas. *Gerontologia Social*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- § **MOSINHO**, Maria Laís (org). *Rejuvenescer a Velhice*. Brasília: DF. Editora UnB, 1996.
- § **MOTTA**, Alda Britto. *As Dimensões de Gênero e Classe Social na Análise do Envelhecimento*. In: Debert, Guita Grin (org). *Cadernos Pagu*. Campinas: SP. Editora Unicamp, 1999.

- § **NERI**, Anita Liberalesso (org). *As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil*. São Paulo. Editora Alínea, 1991.
- § **ORTNER**, Sherry. *Está a mulher para a natureza assim como o homem para a cultura?* In Rosaldo e Lamphere. *Mulher, cultura e sociedade*. Tradução da edição de Standford University Press, 1974.
- § **QUEIROZ**, Maria Isaura Pereira de. *Relatos Orais: do "indizível" ao "dizível"*. In: Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais. São Paulo. Editora Revista dos Tribunais Ltda. 1988.
- § **QUINTANILHA**, Senador Leomar. *Cartilha do Idoso*. Brasília: Senado Federal. 2004.
- § **SCOTT**, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, v.20 (2), jul./dez. 1995.
- § **THOMPSON**, Paul . *A Voz do Passado*. Rio do Janeiro: RJ. Ed. Paz e Terra. 1992.